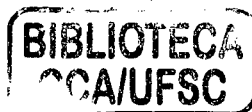
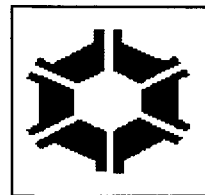


P.266



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR**



GIVANILDO ROQUE FURLANETTO

**ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES RURAIS DE SÃO JOSÉ DO CERRITO
NA DINÂMICA DE DESENVOLVIMENTO RURAL:
IMPORTÂNCIA DAS FEIRAS DE GADO**

Trabalho apresentado como requisito parcial para
obtenção do Título de Engenheiro Agrônomo pela
Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador Prof. Mário Luiz Vincenzi
Co-Orientador Ademir Antonio Cazella

FLORIANÓPOLIS FEVEREIRO DE 2003

195429

IDENTIFICAÇÃO

Nome do autor: Givanildo Roque Furlanetto

Curso de graduação em agronomia

Universidade Federal de Santa Catarina

Título: Associação de produtores rurais de São José do Cerrito na dinâmica de desenvolvimento rural: importância das feiras de gado

Orientador: Mário Luiz Vincenzi, professor titular do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina

Co-Orientador: Ademir Antonio Cazella, professor adjunto do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal de Santa Catarina

Supervisor I: Méd Vetº Afonso Maria Pereira Tigre extensionista rural e vice-presidente da Associação de produtores rurais de São José do Cerrito.

Supervisor II: Méd Vetº Edson Correa Muniz tesoureiro da Associação de produtores rurais de São José do Cerrito e comerciante.

Local de realização do estágio: Município de São José do Cerrito.

Período de estágio 10 de agosto a 22 de setembro de 2002.

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai criador pelo dom da vida que me protege me consola e me acompanha em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais Idelvino Luiz Furlanetto e Suzana Rodoi Furlanetto pelo carinho motivação nesta empreitada.

Professor Orientador Mário Luiz Vincenzi, pelo carinho, atenção, e importantes informações prestadas neste trabalho.

Professor Co-Orientador Ademir Antonio Cazella, pelo estímulo e iluminação durante todo o trabalho.

Aos meus supervisores na Associação de produtores rurais, méd vetº Afonso Mª Pereira Tigre e o méd Vetº Edson Correa Muniz, pela recepção, programação das visitas, deslocamento entre as propriedades e pelas diversas informações prestadas.

Ao presidente da Associação de produtores Sr. Amauri G. Bitencourt,

A colega Jussara da coordenadoria do curso de agronomia CCA-UFSC,

A colega Erica Xavier do depto de Zootecnia e Desenvolvimento Rural CCA-UFSC

As famílias dos senhores Osni Amorim, Amauri G. Bitencourt, Pedro Muniz, Pedro Moraes, Hélio Matos, Paulo A. da Silva, Turíbio Marcon, Aristides M. Melo, Eronilde Muniz, Aparício Miniz, João Borges.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de iniciação científica através do Plano Sul de pesquisa.

A todos os meus amigos e colegas de turma do curso de Agronomia que participaram comigo desta grande conquista principalmente Carlos José Antunes dos Santos e Rafael Schuh.....

APRESENTAÇÃO

Esse trabalho de conclusão do curso de agronomia da Universidade Federal de Santa Catarina foi realizado no município de São José do Cerrito, localizado na região do Planalto Serrano do estado de Santa Catarina. O tema central deste estudo é a pecuária de corte com destaque para as questões relacionadas à Associação de Produtores Rurais, as feiras de gado bovino do município, e alguns índices técnicos de produção, sistemas de manejo da propriedade e comercialização dos animais. A organização dos produtores em torno de uma associação representa a existência de empreendedores rurais preocupados com a situação da bovinocultura como segmento importante da economia local responsável pela manutenção das famílias no campo com dignidade. As ações coletivas reforçam a categoria e promove maior autonomia na hora de comprar insumos e no momento de comercializar os animais.

São José do Cerrito é um município pobre marcado pela precariedade de parte significativa da sua população. Lugar pouco visitado por autoridades públicas e empresários externos vive um antigo sonho de ver concluída o trecho de 100 Km da tão prometida BR 282, que permitiria o escoamento da produção, bem como o acesso fácil e rápido a Lages, grande centro urbano, e Campos Novos celeiro de produção agropecuária.

Localizado a 256 Km de Florianópolis, São José do Cerrito é o 17º município do estado em extensão territorial. Com uma população de 10 393 habitantes é um município essencialmente agrícola com 79,3% de seus habitantes vivendo no meio rural e 21,7% no meio urbano. A base da economia está na produção de feijão, milho, cebola e pecuária bovina. O município é caracterizado por pequenas propriedades rurais, apresentando 82,5% dos estabelecimentos com áreas inferiores a 50 ha.

Este trabalho está dividido em seis partes principais. Na primeira encontra-se a introdução, onde se faz uma contextualização sobre a situação atual da pecuária bovina nacional, alguns dados referentes a situação estadual, o objetivo deste trabalho e a metodologia utilizada. Na segunda parte serão abordadas as características gerais do município, como a colonização, o povoamento, a situação geográfica, o clima, (solo, hidrografia, vegetação), demografia, (população rural e urbana), além de indicadores socioeconômicos municipais e as características gerais da agropecuária cerritense. Na terceira parte será tratada a história da Associação de produtores rurais do município, destacando sua origem, importância da assistência técnica na construção da

associação, a questão da BR 282 (problema ou solução), os problemas enfrentados na formação da associação e as estratégias utilizadas para conquistar a confiança dos produtores. Na quarta parte será discutida a relevância das feiras de gado bovino para os produtores e para a economia municipal. Na quinta parte serão apresentadas as características socioeconômicas dos associados entrevistados, bem como, as características zootécnicas dos rebanhos visitados, fazendo-se uma argumentação específica sobre alimentação animal, composição e melhoramento das pastagens, e o sistema de reprodução dos animais. Na sexta parte serão apontadas algumas tendências da pecuária de corte do município e as considerações finais referentes ao estágio de conclusão de curso.

Na apresentação de dados gerais do município muitas informações são oriundas de uma pesquisa encomendada pelo Núcleo de Estudos Agrários de Desenvolvimento Rural do Ministério de Desenvolvimento Agrário (NEAD-MDA), cujo o relatório final tem por título “A função de “coesão social” da agricultura no processo de desenvolvimento rural: o caso do município de São José do Cerrito- SC”. Esta pesquisa foi realizada por Cazella (2000), na qual participamos efetivamente como bolsista, realizando entrevistas com atores sociais, consultando e analisando dados secundários da produção agropecuária, da situação socioeconômica e político-administrativa do município. Além disso, durante o ano de 2002 paralelo ao estágio curricular, atuamos nas atividades de pesquisa sobre a noção da multifuncionalidade agrícola na comunidade Vargem Bonita neste município, como bolsista de iniciação científica, vinculado ao sub projeto “Estratégias de desenvolvimento rural, multifuncionalidade da agricultura e agricultura familiar: identificação e avaliação de experiências em diferentes regiões brasileiras”, coordenado pelo professor-pesquisador Ademir Antonio Cazella. Esta bolsa de pesquisa científica integra o projeto “Agricultura Familiar: reestruturação social e capacitação humana”, coordenado pela professora-pesquisadora Maria Ignês Paulilo. Este projeto é desenvolvido pelo Núcleo de Estudos da Agricultura Familiar (NAF) do Centro de Filosofias e Humanas (CFH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sendo financiado pelo “Plano Sul de Pesquisa e Pós-graduação” (CNPq/FUNCITEC).

SUMÁRIO

<u>APRESENTAÇÃO</u>	I
<u>LISTA DE SIGLAS</u>	V
<u>LISTA DE TABELAS</u>	VI
<u>LISTA DE FIGURAS</u>	VII
<u>1ª PARTE</u>	1
<u>1. INTRODUÇÃO</u>	1
<u>1.1 OBJETIVOS</u>	3
<u>1.2 METODOLOGIA</u>	3
<u>2ª PARTE</u>	4
<u>2. CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO</u>	4
<u>2.1 A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO</u>	4
<u>2.2 GEOGRAFIA</u>	5
<u>2.2.1 Localização</u>	5
<u>2.2.2 Vegetação e hidrografia</u>	6
<u>2.2.3 Solo e Clima</u>	7
<u>2.3 Aspectos culturais</u>	7
<u>2.4 Demografia e População</u>	8
<u>2.5 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA AGROPECUÁRIA MUNICIPAL</u>	11
<u>2.5.1 OCUPAÇÃO DO SOLO</u>	13
<u>2.6 PECUÁRIA</u>	15
<u>3ª PARTE</u>	17
<u>3. ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES RURAIS DE SÃO JOSÉ DO CERRITO</u>	17
<u>3.1 ORIGEM</u>	17
<u>3.2 ASSISTÊNCIA TÉCNICA: PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO PECUÁRIO</u>	18
<u>3.3 BR 282, PROBLEMA OU SOLUÇÃO</u>	18
<u>3.4 ASSOCIAÇÃO, CONQUISTANDO CONFIANÇA, GERANDO RIQUEZA</u>	19
<u>3.5 CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS ATRATIVAS DE VENDA</u>	21
<u>3.6 CONDIÇÃO DOS ANIMAIS ANTES DAS FEIRAS</u>	23

<u>3.7 FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES RURAIS</u>	<u>24</u>
<u>4ª PARTE.....</u>	<u>24</u>
<u>4. FEIRAS DE GADO BOVINO.....</u>	<u>24</u>
<u>4.1 REALIZAÇÃO DA 1ª FEIRA DO TERNEIRO E GADO GERAL.....</u>	<u>25</u>
<u>4.2 RESULTADOS DAS FEIRAS EM SÃO JOSÉ DO CERRITO</u>	<u>27</u>
<u>5ª PARTE.....</u>	<u>30</u>
<u>5 ASPECTOS SOCIAIS E ECONÔMICOS DOS ENTREVISTADOS.....</u>	<u>30</u>
<u>5.1 CARACTERÍSTICAS ZOOTÉCNICAS DOS REBANHOS</u>	<u>31</u>
<u>6ª PARTE.....</u>	<u>42</u>
<u>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>42</u>
<u>7. BIBLIOGRAFIA</u>	<u>45</u>

LISTA DE SIGLAS

SC - Santa Catarina

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICEPA – Instituto de Planejamento e Economia Agrícola

EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de SC

CIDASC – Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina

NEAD - Núcleo de Estudos Agrários de Desenvolvimento Rural

MDA - Ministério de Desenvolvimento Agrário

AMURES - Associação dos Municípios da Região Serrana

UNICEF – Fundo das Nações Unidas de Apoio as Crianças

IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

PNUD/ONU Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

ICMS – Imposto cobrado sobre a circulação de mercadorias e prestação de serviços

PMDR – Plano Municipal de Desenvolvimento Rural

EUA - Estados Unidos da América

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

PIB – Produto Interno Bruto

VBP – Valor Bruto da Produção

Ca - Cálcio

Mg - Magnésio

P - Fósforo

K - Potássio

N – Nitrogênio

LISTA DE TABELAS

<u>Tabela I: Densidade demográfica de 1970 a 2000, no País no Estado, na microrregião Campos de Lages e no Município (habitante por Km²).....</u>	8
<u>Tabela II: Distribuição da população de São José do Cerrito por sexo e local de residência.....</u>	11
<u>Tabela III: Distribuição de terras por estrato de área em São José do Cerrito.....</u>	12
<u>Tabela IV : Ocupação dos solos nas propriedades agropecuárias</u>	14
<u>Tabela V: Números da pecuária Cerritense (2000).....</u>	16
<u>Tabela VI: Número de animais vendidos e valor comercializado nas feiras.....</u>	28
<u>Tabela VII: Perfil dos produtores entrevistados.</u>	30
<u>Tabela VIII: Identificação das comunidades, distância da sede, presença de trator e balança.....</u>	33
<u>Tabela IX: Ocupação do solo das propriedades visitadas.....</u>	35
<u>Tabela X: Distribuição das pastagens de acordo com o ciclo de desenvolvimento.....</u>	37
<u>Tabela XI: Composição da pastagem usada nas propriedades visitadas.</u>	39
<u>Tabela XII: Rebanho bovino dos membros entrevistados.</u>	41

LISTA DE FIGURAS

<u>Figura I: área com pastagem cultivada com azevém trevos e cornichão.</u>	14
<u>Figura II: Pavilhão de remate construído para comercialização dos animais.</u>	20
<u>Figura III: Produtores no momento do leilão, comprando e vendendo animais.</u>	22
<u>Figura IV: Estacionamento do parque durante a feira mostrando o volume de participantes.</u>	26
<u>Figura V: Lote de machos charolês na feira, uniformidade na pelagem e no tamanho.</u>	27
<u>Figura VI: Lote de machos reprodutores comercializados na II feira da novilha e do reprodutor em novembro de 2002 (tabapuã e indubrasil).</u>	29
<u>Figura VII: Reprodutor Charolês junto com as crias, dificuldade de identificar cio.</u>	32
<u>Figura VIII: Trecho da BR 282 principal acesso à sede do município.</u>	34
<u>Figura IX: Touro puro de origem com menos de dois anos de idade da raça charolês adquirido na Expolages – 2002</u>	42

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização Geografia do Município de São José do Cerrito – SC	06
Mapa 2 -Índice de Desenvolvimento Humano – 2000.....	10

ANEXOS

Questionário de pesquisa

Termo de compromisso

Registro de cadastro de pessoa jurídica da Associação de Produtores Rurais de SJC

1ª PARTE

1. Introdução

Tendo o Brasil o primeiro rebanho comercial do mundo, ocupa o terceiro lugar em exportações de carne bovina, atrás de EUA e Austrália. Com 177 milhões de cabeças o país concentra 15% do rebanho mundial e 60% do rebanho Sul americano (PATINO, 2002). A pecuária de corte vem desempenhando papel estratégico na economia brasileira, sendo responsável por 4% do PIB e contribuindo em 2002 com mais de 1 bilhão de dólares decorrentes da exportação de carne bovina. Em 2002 as importações brasileiras atingiram mais de 50 000 toneladas de carcaças. Dessa forma o Brasil vem consolidando sua posição como um dos países líderes em termos de competitividade e qualidade no mercado internacional de carnes. Contudo apresenta taxas de desfrute¹ na faixa de 20,2%, ainda distante para um país que procura lugar de destaque na comercialização internacional de carnes. A título de comparação os EUA, primeiro em produção e exportação de carne bovina, têm uma taxa de desfrute de 35% e a Argentina de 23%, país que o Brasil importa carne.

O país sustenta a quarta colocação em consumo mundial de carne bovina. Para os próximos anos a expectativa é que o país se torne o maior produtor mundial desse produto devido a particularidade própria de seu sistema de produção, relacionados com fatores climáticos, socioeconômico e técnicos (pastagem, raças, melhoramento genético).

Estimativas para o ano de 2001 apontavam um abate de 33,6 milhões de cabeças gerando 6 091 milhões de toneladas de carcaças e um consumo interno de 35,3kg/habitante/ano (ANUAL PEC, 2002). Sua produção atual de carne bovina apresenta alto valor biológico, sendo a mais barata do mundo. No mercado interno a perspectiva de crescimento são muito favoráveis, visto que o país cresce em média 2.249 milhões de pessoas por ano, ou seja, uma taxa de 1,3% ao ano. Para estar preparado para atender a demanda de carne bovina nosso país precisa concentrar os esforços no desenvolvimento de tecnologias e manejo alimentar, sanitário e reprodutivo. Para

¹ A taxa de desfrute é um referencial zootécnico que mede a capacidade do rebanho produzir animais excedentes para a venda, sem comprometer seu efetivo básico. O excedente é constituído de novilhos em idade de abate, de touros e vacas descartados e das novilhas não usadas à reprodução. A taxa é determinada pela relação entre o número de animais excedentes pelo número total do rebanho multiplicado por cem.

manter-se competitivo neste mercado, a bovinocultura brasileira terá que melhorar os seus índices de produtividade, baixando cada vez mais os custos unitários e atendendo as exigências dos consumidores em relação à segurança alimentar, qualidade do produto, bem-estar animal e respeito ao meio ambiente.

Nesse momento o principal desafio dos sistemas de produção de bovinos de corte está relacionado à obtenção de um produto em quantidade, qualidade e preço que o consumidor exige. O objetivo final é colocar na mesa do consumidor um produto que preencha anseios relacionados com a segurança alimentar, normas de qualidade, volume de produção, uniformidade do produto, com reduzido impacto ambiental. A qualidade da carne bovina é determinada com base no sabor, na maciez na atração física e na estabilidade de armazenamento (Stainer, 2002).

O estado de Santa Catarina vem a cada ano se destacando na produção de alimentos no mercado brasileiro. O Produto Interno Bruto (PIB) catarinense do setor primário em 1996 estava em R\$ 2 497 384 000,00 em 2001 atingiu R\$ 4 879 491 000,00, crescendo 51,1% descontado o consumo interno. O setor primário catarinense é composto por seis segmentos sendo a lavoura, horticultura, floricultura o primeiro, o segundo é a pecuária, o terceiro é a indústria rural, o quarto a silvicultura, o quinto a extração vegetal e o sexto é a produção particular do pessoal residente. Destes segmentos com exceção da extração vegetal que obteve uma queda de 10% nestes cinco anos, todos os demais cresceram mais de 45%. A pecuária catarinense cresceu 49,7% perdendo somente para a silvicultura que cresceu 58,6%. O estado é o primeiro na produção de frangos e suínos.

Observando o Valor Bruto da Produção (VBP), em 2001, os suínos atingiram R\$ 1 327 329 127,00 e os frangos R\$ 860 903 166,00, crescendo respectivamente 46,7% e 60,4%. Cabe destacar que esses valores foram contabilizados antes de ocorrer a forte crise da suinocultura a partir de 2002 no estado. A bovinocultura com a introdução de tecnologias adequadas às condições regionais ano-a-ano vem melhorando os índices zootécnicos e conquistando seu espaço no mercado. Em 2000 o rebanho absoluto era de 3 161 084 cab, sendo abatidas um volume de 531 400 cab. Analisando o valor bruto da produção da bovinocultura entre 1996 e 2001 a mesma alcançou um crescimento substancial de 43,9%. A pecuária leiteira vem enfrentando uma crise crônica ao longo dos anos devido a falta de proteção no preço do leite, os produtores não têm como competir com produtos vindos principalmente da Argentina. O

preço pago aos produtores muitas vezes não cobre os custos de produção do litro de leite muito menos os investimentos necessários da atividade.

Na agricultura o destaque é na produção de milho, soja e feijão. A cultura que mais cresceu nestes cinco anos foi o feijão com 49,2% no VBP, o milho foi o segundo com 46,7% e a soja com 42,3%. A crise na economia brasileira após sucessivas altas da moeda norte americana, o milho e a soja, culturas taxadas pela bolsa de Nova Iorque (EUA), o preço pago ao produtor pela saca de 60Kg, dispararam. Esse impacto no valor da saca atraiu o interesse de muitos produtores brasileiros que investiram forte na produção dessas culturas para a safra 2002/2003.

1.1 Objetivos

O objetivo desta pesquisa é fazer uma abordagem cruzando os principais indicadores que refletem a pobreza do município e os elementos sociais que explicam a formação da Associação de Produtores Rurais e as feiras de gado bovino. Pretende-se demonstrar que iniciativas locais dessa natureza tomada pelos produtores, assistência técnica e o poder público municipal representam estoques de capital social e potencialidades de desenvolvimento rural.

1.2 Metodologia

Este trabalho foi desenvolvido na Associação de Produtores Rurais de São José do Cerrito entre os meses de agosto e setembro de 2002. As informações são oriundas de entrevistas diretas com os membros da diretoria da Associação, que prestam assistência técnica aos pecuaristas, e diretamente com os produtores membros. Para poder descrever a história da associação e o surgimento das feiras de gado bovino municipal, contou-se com a colaboração de dois médicos veterinários Sr. Afonso M. P. Tigre primeiro presidente e atual vice-presidente da Associação e o Sr. Edson C. Muniz, atual tesoureiro. Dos aproximadamente oitenta membros, uma amostra de 11 produtores foi constituída a pesquisa de campo. A escolha dos entrevistados foi organizada de acordo com a disponibilidade e disposição dos produtores em participar da pesquisa, além de se procurar contemplar diferentes tipos de sistemas de produção.

No município existem atualmente 36 comunidades rurais, sendo que 16 apresentam a pecuária como atividade principal. Nesta pesquisa foi visitado cinco comunidades, possibilitando identificar características gerais dos membros da Associação. A coleta dos dados socioeconômicos dos produtores e índices zootécnicos dos rebanhos, se deu através da aplicação

de um questionário de pesquisa, junto ao responsável do estabelecimento. Essa dinâmica foi precedida de uma visita a campo para observar as circunstâncias em que os animais são criados. Alguns aspectos do sistema de produção eram previamente debatidos com o produtor, como as condições e o tipo das cercas de contenção, a disponibilidade e o acesso a água, a presença e a distribuição dos cochos de sal mineral. Com relação as pastagens, eram observados a composição das forrageiras, área de incidência, sistema de implantação, e as estratégias de melhoramento. Nas instalações eram vistoriadas as condições de ambiência² em que os animais são manejados durante o carregamento momento que pode acontecer acidentes traumáticos com os animais, aparte de categoria entre machos e fêmeas e no desmame, pesagem, e vacinação, etc...

Foi realizada uma revisão bibliográfica para contextualizar os dados técnicos-produtivos e manejo da pecuária cerritense. Para buscar informações complementares sobre o município recorreu-se a pesquisa anteriormente mencionada, a dados secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Planejamento e Economia Agrícola (ICEPA), e sites da internet.

2ª PARTE

2. Caracterização do município

2.1 A história do município

A colonização do município foi iniciada por Bandeirantes Paulistas no século XVIII, quando da ocupação e exploração dos campos de Lages no Planalto Catarinense. Na época foram fundados vários povoados ao longo do caminho dos tropeiros, que transportavam gado do Rio Grande do Sul para a região de São Paulo. O comércio de gado entre esses dois estados, ao formar os caminhos no interior de Santa Catarina e construir a infra-estrutura necessária à longa caminhada dos rebanhos e seus condutores, fez surgir nos locais de pouso os primeiros moradores permanentes, especialmente, nos campos de Lages (Auras, 1995). Essa zona era local de parada obrigatória para o descanso dos condutores e a alimentação do rebanho dando suporte a longa caminhada até o sudeste do país.

² O conceito genérico de ambiência representa, seria “o espaço constituído por um meio físico, e ao mesmo tempo, por um meio psicológico, preparado para o exercício das atividades do animal que nele vive” (Paranhos da Costa, 2000).

A partir de 1888 surgiram as primeiras capelas, sendo a primeira a de São José fundada próximo ao rio Caveiras. Hoje esta localidade chame-se capela São José, está situada a aproximadamente a 20 Km da sede do município. Ela deu origem ao nome do município, sendo mais tarde acrescentado o termo "Cerrito" devido a característica topográfica do município, marcado pela presença de pequenos cerros (morros). Em 1927 foi fundada a Capela de São Pedro no local escolhido para ser a sede do município. Segundo relatos dos moradores mais antigos o monge João Maria de Agostinho fazia pregação católica na região. Ele anunciava que o nome do rio Caveiras deveria ser trocado por outro nome qualquer, pois o rio fazia freqüentes vítimas e que deveriam ter o máximo de cuidado em atravessar .

Outro personagem mencionado pelos antigos moradores é Martim Bugreiro contratado pelos fazendeiros para matar os índios na região. Para ganhar as recompensas cortava as orelhas das vítimas, jogando os corpos no rio Caveiras.

Por volta de 1943, o distrito de São José do Cerrito passou a se chamar Carú, nome de origem indígena que significa terra fértil. A mudança ocorreu porque eram freqüentes os extravios de cartas que acabavam indo para outras localidades devido à semelhança de nomes, como São José na grande Florianópolis e São José do Cedro, extremo Oeste catarinense.

Em 1953, forças políticas do município de Lages, reabilitaram o nome original dando assim origem à complementação da Estrada Estadual Lages/ Campos Novos - atual BR 282. Sua emancipação do município de Lages ocorreu no dia 07 de dezembro de 1961, sendo publicado no diário oficial da união sob o registro 736 de 22 de Dezembro de 1961.

2.2 Geografia

2.2.1 Localização

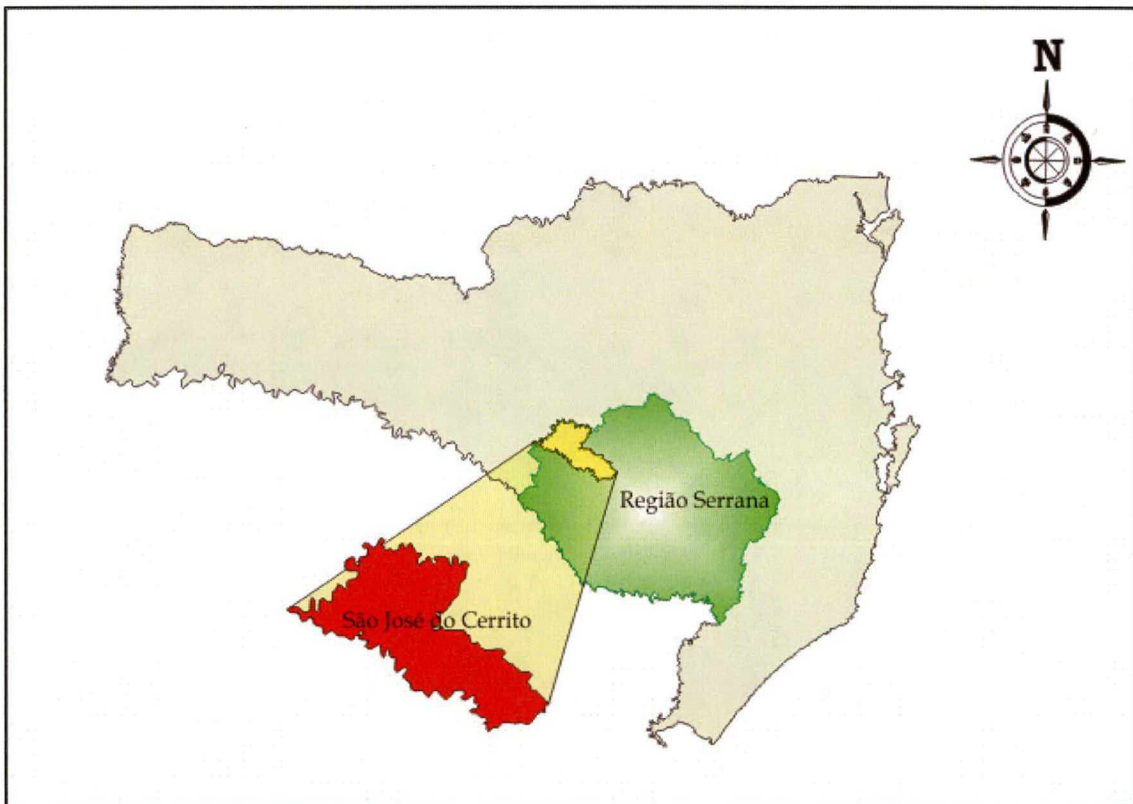
Localizado a 256 Km da capital, Florianópolis, Cerrito fica a 40 Km do município de Lages, o mais próximo e importante núcleo urbano da região. O município é cortado pelo trajeto da BR 282.

Com uma superfície de 967,2 km², o que corresponde a pouco mais de 1% do território catarinense, São José do Cerrito é o 17º município do estado em extensão territorial.

São José do cerrito pertence à região do Planalto Serrano, mesorregião Serrana e microrregião Campos de Lages. É membro da Associação dos Municípios da Região Serrana (Amures), que

congrega dezenove municípios. Possui uma altitude de 879 metros na sede, sendo que a altitude na microrregião varia de 400 a 1 800 metros. Ao norte, limita-se com o município de Curitiba; ao sul, com Campo Belo do Sul, Cerro Negro e Lages; a leste, com Correia Pinto e, a Oeste, com Vargem e Brunópolis. O Mapa I, a seguir, apresenta a localização geográfica do município.

Mapa 1- Localização Geográfica do Município de São José do Cerrito – SC



Fonte: Cazella, 2002

O relevo de São José do Cerrito é constituído de superfícies planas, onduladas e montanhosas, de formação basáltica, com solos de boa fertilidade natural. Os planaltos, as planícies e os cerros são as principais formas de relevo do município. Essas formas de relevo favorecem a exploração da agricultura tanto manual quanto mecanizada, bem como a criação de gado.

2.2.2 Vegetação e hidrografia

As vegetações mais encontradas são os campos e as matas nativas (araucária, canelais). Existem também, as espécies exóticas (*pinus*, *eucalipto*, *kiri* e *plátano*). Parte da vegetação natural existente foi desmatada para fazer pastagens naturalizadas para o gado, ocupação do solo

com plantações e utilização da madeira em construções, móveis e objetos. Em alguns locais ocorre a presença de grandes áreas de reflorestamento com pinheiro americano (*pinus*).

O município apresenta uma grande diversidade de córregos e fontes de água, não havendo temporadas de seca. Ao todo são sete rios principais que cortam seu território: Canoas, Caveira, Passo Fundo, Amola Faca, Lajeado Goiabeira e Lajeado Rolante. Destacam-se ainda os seguintes rios, Antunes que passa na sede do município; Lajeado da Taipa situado próximo da sede e também o rio Refuga. As maiores altitudes estão na parte central do município, cujo relevo separa os rios afluentes do Caveiras, o rio Goiabeira e o rio Canoas. A maior altitude fica na divisa entre Lages e Correia Pinto. O norte e o noroeste são banhados pelo rio Canoas, o sul pelo rio Caveiras, que desemboca no rio Canoas. A leste e nordeste pelo rio Goiabeira, que despeja suas águas no Canoas. A Sudeste está o rio Amola-faca, que faz divisa com o município de Lages, sendo outro afluente do rio Canoas. O município é banhado pela bacia do Rio Canoas, estando inteiramente sob a influência deste rio.

2.2.3 Solo e Clima

O solo é classificado como cambissolo litólico distrófico, originário do basalto, sendo raso a moderadamente raso, possuindo uma drenagem também moderada. Encontra-se ladeiras íngremes entre 200 a 800 metros nas encostas dos vales. É levemente ácido com elevados teores de Ca, Mg e K, apresenta alta saturação de bases (S) e alumínio trocável muito baixo. Devida a alta fertilidade natural, as florestas subtropicais originais foram retiradas e o solo é cultivado com culturas anuais (milho feijão), e pastagens plantadas. Os problemas de erosão são considerados graves devido a alta declividade presente.

O clima é temperado (Cfb), mesotérmico úmido, de verão quente e inverno ameno, com temperatura média anual de 15,9°C e precipitação média anual variando entre 1300 e 1500 mm. As temperaturas mais elevadas chegam a 35°C no verão e as mais baixas atingem 5°C negativos no inverno. As condições climáticas não representam grandes limitações para o cultivo agropecuário, e também possibilitam o plantio de espécies adaptadas ao frio.

2.3 Aspectos culturais

As tradições gauchescas, churrasco, chimarrão, torneios de laço, bailes e jogos de futebol são as tradições cultivadas no município. O município conta com uma biblioteca pública

municipal, um centro comunitário, um ginásio de esportes e o clube recreativo e literário 25 de julho para realização de eventos sociais. Não possui museu, cinema, teatro, nem hotéis. As principais comemorações são as seguintes: o aniversário do município no dia 7 de dezembro, a Festa de São Pedro padroeiro municipal, e a Festa do Feijão no mês de abril realizada a cada dois anos. A população local é muito devota, a Igreja tem um papel importante na região como as pastorais da saúde, da criança e da terra.. O movimento de mulheres agricultoras, o Sindicato Rural, os Conselhos Municipais as Associação de Agricultores, Moradores e de Desenvolvimento Local atuam na defesa dos interesses da população. Além da Festa do Feijão, a partir de 1997, um novo evento foi promovido no município, a festa do colono, onde se mostra a tradição, a cultura e o folclore cerritense.

2.4 Demografia e População

Dados obtidos do censo demográfico de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que a população atual do município é 10 192 habitantes, sendo que 2 142 habitantes no perímetro urbano e 8 050 habitantes no meio rural. A taxa de crescimento entre 1996 a 2000 ficou em menos 0,2%. Isso significa que o município continua perdendo seus habitantes. Observando a Tabela I, a seguir, nota-se que o município vem reduzindo sua população desde a década de 1970.

Tabela I: Densidade demográfica de 1970 a 2000, no País no Estado, na microrregião Campos de Lages e no Município (habitante por Km²).

Unidades	1970	1980	1991	2000
Brasil	11,1	14,2	17,3	19,9
Santa Catarina	30,7	38,7	47,6	56,1
C. de Lages	16	17,2	18,6	19,3
S. J. do Cerrito	15,6	13,8	12	10,7

Fonte: IBGE, Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e do Censo demográfico de 2000.

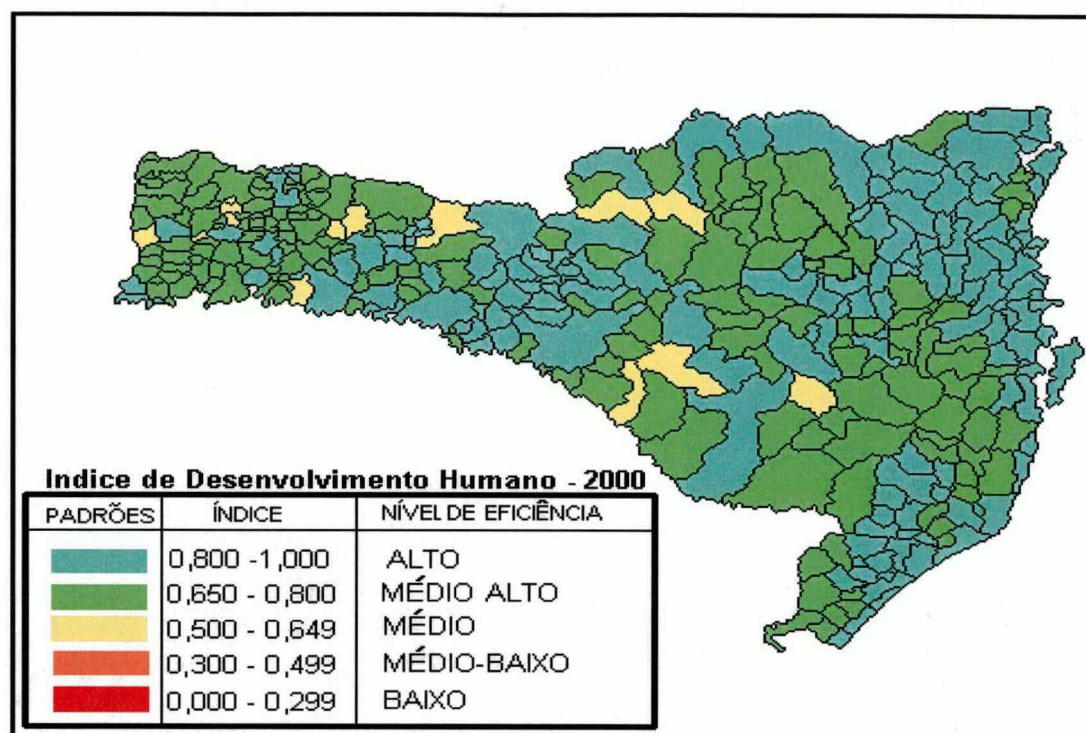
Enquanto o Brasil, o estado e a microrregião Campos de Lages apresentam a tendência de crescimento da densidade demográfica, em São José do Cerrito, ao contrário, ocorreu uma redução significativa da população ao longo de trinta anos. Essa diminuição de pessoas evidencia que no município as pessoas têm poucas alternativas socioeconômicas para se estabelecerem e permanecerem com suas famílias.

Na educação são várias as tentativas de reduzir o número de pessoas sem educação formal. A secretaria de educação municipal tem intensificado os esforços criando programas especiais para amparar jovens e adultos que não tiveram oportunidade de estudar. O Núcleo Avançado de Ensino Supletivo (NAES) é uma parceria entre a secretaria de educação estadual e a prefeitura, que tem por objetivo dar a oportunidade de concluir o ensino fundamental (5ª a 8ª séries). A Casa Familiar Rural é uma alternativa de ensino supletivo para jovens do meio rural de concluir seus estudos de 5ª a 8ª série, sem ter que se deslocar para a cidade ou outros municípios. A metodologia aplicada é a “pedagogia da alternância” que prevê uma semana de aula em regime de internato e nas duas seguintes o aluno retorna para a propriedade familiar, onde tem a possibilidade de aplicar os conhecimentos adquiridos. Em 1998 a taxa de analfabetismo da população estava em 9,38%.

Em 2001 o índice de desenvolvimento infantil calculado pelo UNICEF fundo das Nações Unidas de Apoio as Crianças em 2001 ficou em 0,43. Segundo o IBGE, a mortalidade infantil em 1998, a cada 1000 crianças nascidas 170 morriam no primeiro ano de vida. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal O IDH-M³ nada mais é que uma medida ajustada de três variáveis que medem as dimensões do desenvolvimento: a esperança de vida, o nível educacional e o PIB real *per capita*. Em 1991, São José do Cerrito possuía o terceiro pior desses índices (0,551) no plano microrregional e o sétimo no âmbito estadual. Segundo o PNUD (2000), o IDH-M de São José do Cerrito é de 0,620, o que corresponde ao quarto menor índice de desenvolvimento no estado de Santa Catarina. No seu entorno, três outros municípios (Campo Belo do Sul, Anita Garibaldi e Abdon Batista) se encontravam com seus índices médios em relação aos melhores do estado, como ilustra, a seguir, o Mapa II.

³ O Brasil melhorou sua posição no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) nos últimos 9 anos, passando de 0,709, em 1991, para 0,769, em 2000. Na classificação internacional, o Brasil continua sendo um país de médio desenvolvimento humano. Os cinco estados com maiores IDH-M no Brasil são, respectivamente, o Distrito Federal (0,844), São Paulo (0,814), Rio Grande do Sul (0,809), Santa Catarina (0,806) e Rio de Janeiro (0,802), todas na faixa de alto desenvolvimento humano. A educação foi responsável por 60,78% do aumento do IDH-M no Brasil entre 1991 e 2000. Já a renda contribuiu com 25,78% e a longevidade com 13,44% no crescimento do índice.

Mapa 2 Índice de Desenvolvimento Humano - 2000.



Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano - 2000, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD/ONU.

A população do município de São José do Cerrito é, predominantemente, de origem cabocla. Em Santa Catarina, a região serrana se diferencia das demais pela forte presença de uma população de origem “cabocla”. “O vocábulo “caboclo”⁴ designa de uma etnia fruto do cruzamento entre índios e brancos. Em Santa Catarina, o antigo espaço do “Contestado” concentra uma importante população desse grupo étnico”.

Cerrito encontra-se entre os 76,5% municípios catarinenses que apresentam menos de 15 000 habitantes. De acordo com os resultados do censo demográfico de 2000, a população de São José do Cerrito é de 10 393 habitantes, sendo 5 359 homens (51,6%) e 5 017 mulheres (48,4%). Em valores absolutos, Cerrito possui a maior população rural dos dezenove municípios da microrregião da Amures. A Tabela II, a seguir, apresenta a distribuição da população cerritense por sexo e local de residência.

⁴ Para Lima Ayres (1992), citada por Locks (*op. cit.*), esse termo apresenta duas origens etimológicas possíveis, ambas derivadas do tupi: a primeira *caa-boc*, significando “aquele que vem da floresta”, e a segunda *kari'boca*, que significa “filho do homem branco”.

Tabela II: Distribuição da população de São José do Cerrito por sexo e local de residência.

Discriminação	Urbano		Rural		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Homem	1 073	49,8	4 286	52,0	5.359	51,6
Mulher	1 079	50,2	3 955	48,0	5.034	48,4
Total	2.152	20,7	8.241	79,3	10.393	100

Fonte: Resultados do universo do Censo demográfico de 2000.

Como destacam Denardi *et al.* (2001, p.7), “a precariedade das vias de acesso reflete no nível de desenvolvimento do município e do seu entorno”. O processo de migração da população rural da maioria dos municípios em direção aos centros urbanos está diretamente associado aos baixos Índices de Desenvolvimento Humano Municipais (IDH-M). Mesmo com uma população que vive constantemente com dificuldades Cerrito encontram-se pessoas que vem construindo iniciativas de desenvolvimento capazes de sustentar a permanência das famílias. Essas iniciativas se percebe no crescimento e fortalecimento da atividade agropecuária do município.

2.5 Características gerais da agropecuária municipal

Segundo dados do Censo agropecuário 1995-1996, o número total de estabelecimentos agropecuários é de 2 042, ocupando uma área de 75 776 ha. A média de pessoas ocupadas é de 3,3 pessoas por estabelecimento. O município é caracterizado por pequenas propriedades rurais, apresentando 82,5% dos estabelecimentos com áreas inferiores a 50 ha. Apenas 7% possuem áreas superiores a 100 ha, e os 10,5% restantes têm áreas entre 50 e 100 ha. As unidades produtivas com dimensões inferiores a 50 ha abrangem uma área total de 25 738 ha, o equivalente a cerca de um terço das terras agrícolas disponíveis no município. A Tabela III, a seguir, apresenta a distribuição das terras do município segundo os diferentes estratos de áreas.

Tabela III: Distribuição de terras por estrato de área em São José do Cerrito

Estrato de área (ha)	Nº Estabelecimento	%	Área (ha)	%
0<10	787	38,5	4 071	5,4
10>20	408	20,0	6 001	7,9
20>50	489	24,0	15 666	20,7
50>100	214	10,5	15 113	20,0
100>500	133	6,5	25 459	33,6
500 >5000	11	0,5	9 465	12,5
TOTAL	2 042	100	75 776	100

Fonte: IBGE, Censo agropecuário de 1995-1996. In: SC-Agro 2000.

Durante muito tempo, a economia do planalto serrano assentou-se na criação extensiva do gado bovino, na coleta da erva-mate e na extração da madeira, usada na construção de quase todas as casas da região (RITTER, 1985). As amplas e excelentes pastagens naturais (campos), aliadas ao forte comércio nas feiras paulistas, tornavam possível e necessária a atividade pastoril. As condições edafoclimáticas da região permitiram o desenvolvimento da pecuária, que no princípio dependia exclusivamente dos recursos naturais disponíveis. A origem das pastagens nativas data desde a era Paleozóica do período Permiano a aproximadamente mais de 275 milhões de anos, quando ao longo dos tempos formaram-se o que se conhece hoje como campo nativo⁵. Acredita-se que estes “campos” representam uma relíquia da vegetação oriunda de um clima quente do tipo savanas em tempos passados (Klein, 1964). Essa área abrange uma enorme extensão geográfica localizada nos estados do sul do Brasil e países vizinhos como Argentina e o Uruguai.

A produção das pastagens é muito influenciada pelas condições do meio ambiente. O clima estabelece as condições nas quais pode-se fazer a escolha das espécies com melhor capacidade de produção, destinando áreas propícias ao bom desempenho das forrageiras. A temperatura do mês mais frio situa-se entre -3 e 18°C e a temperatura média mensal excede a 10°C por mais de cinco meses. A temperatura é um fator muito importante para o bom crescimento das forrageiras, que no planalto se torna um fator limitante para o crescimento da

⁵ Maiores informações sobre a formação dos campos nativos consultar Córdova 1997.

pastagem. As primeiras geadas acontecem em abril e maio e as últimas em novembro, sendo que durante oito meses do ano a qualidade nutritiva das pastagens é muito reduzida.

A possibilidade de ocorrência de geadas já no início do outono exige que os produtores da região serrana façam as previsões sobre o volume de alimento que será necessário durante o ano. Caso contrário, os animais que na maioria das vezes são alimentados somente com pastagens naturais, irão perder peso nos oito meses em que o frio é intenso. No entanto, nos últimos anos tem-se percebido o aumento das áreas destinadas ao cultivo de pastagem.

2.5.1 Ocupação do solo

As pastagens nativas e plantadas no município representam juntas 47,8% da área dos estabelecimentos agropecuários, ocupando 36 372 hectares, quase metade de toda a área disponível. As pastagens plantadas representam 14% das áreas, (10 733ha). Isso demonstra que depois de enfrentar muitas crises com a falta de pasto no outono e inverno, os produtores estão buscando solucionar este problema. A tendência é ocorrer um aumento significativo nas áreas com pastagens cultivadas tanto das espécies estivais quanto das hibernais. Esse quadro está relacionado aos esforços da pesquisa agropecuária do setor público do Estado que vem trabalhando há vários anos no desenvolvimento de espécies mais adaptadas à região e divulgando as espécies já disponíveis no mercado com grandes resultados. As lavouras ocupam uma área de 11 860 ha (15,7%), com destaque para a produção de feijão e milho. Em 1987 o município foi o maior produtor catarinense desse produto, com uma área plantada de 10 500 ha e uma produção de 9 500 ton. No entanto, mesmo com baixo nível tecnológico associado ao uso intensivo das áreas na safra 99/2000 o município foi o quinto maior produtor catarinense com 6 040 ha cultivado e uma produção de 5 430 ton (CAZELLA, 2002). A Tabela IV, a seguir, apresenta a ocupação do solo dos estabelecimentos agrícolas do município.

Tabela IV : Ocupação dos solos nas propriedades agropecuárias

Tipo de Ocupação	Área (ha)	%
Culturas temporárias	11 860	15,7
Culturas permanentes	480	0,6
Em descanso	260	0,4
Pastagens nativas	25 639	33,8
Pastagens plantadas	10 733	14,0
Mata nativa	14 827	19,7
Mata exótica reflorestada	2 328	3,1
Área produtiva não utilizada	4 636	6,1
Sem especificação	5 013	6,6
Área Total	75 776	100

Fonte: IBGE, Censo agropecuário de 1995/1996. In: Pmdr, 2001.

A Figura I apresenta a paisagem formada pelo cultivo de pastagens de inverno principalmente aveia e azevém

Figura I: área com pastagem cultivada com azevém trevos e cornichão.

Fonte: Furlanetto, 2002.

2.6 Pecuária

A pecuária é uma atividade de grande importância econômica movimentando substancialmente as relações comerciais entre agricultores, produtores especializados e o comércio local. Nos últimos anos, com os avanços das pesquisas e a crescente valorização dos produtos cárneos como cortes especiais, processamento de matéria prima⁶ para a fabricação de produtos de higiene pessoal, fabricação de farinha de osso, crescimento da indústria do couro com uma cadeia mercadológica especial, tem aquecido as perspectivas do mercado para a produção bovina.

Com um rebanho bovino de 30 300 cabeças o município vem se destacando na pecuária catarinense. Seu rebanho é predominantemente voltado para a produção de carne, com 88% dos animais. Os pecuaristas estão investindo na produção de terneiros para serem terminados nas fazendas do litoral e nos confinamentos da região Oeste e meio-Oeste catarinense. A pecuária leiteira do município vem enfrentando uma crise crônica. No município não há laticínios e a única empresa que faz a coleta do leite se localiza no município de Lages. A dificuldade de acesso, bem como o baixo preço pago ao produtor, tem desestimulado cada vez mais os produtores que ainda persistem na atividade. Os outros setores da pecuária são conduzidos artesanalmente sem escala comercial, a produção de mel e suínos atende uma pequena parcela do mercado local. A Tabela V, a seguir, apresenta os números das principais atividades pecuárias do município.

⁶ Além de fornecer uma das principais fontes protéicas na alimentação humana, os artigos tidos como subprodutos dos bovinos também abastecem diversas indústrias. O couro, para a indústria de vestuário e calçados, filmes fotográficos e de cinemas são recobertos por uma gelatina retirada da canela dos bovinos. Dos pés saem substâncias usadas na espuma dos extintores de incêndio. O sangue é usado como fixador de tinturas, enquanto a gordura é utilizada na fabricação de pneus, plásticos, velas e PVC. A gordura é matéria prima de xampus, detergentes, cremes de barbear, cosméticos, (Burgierman, 2002) apud NEVES, *et al*, 2002.

Tabela V: Números da pecuária Cerritense (2000).

Animais Existentes	Nº	Rebanho	Produtividade	Produção
	Produtores	(cab/cx/açude)	Anual	Total/ano
Bovino de Corte	797	26 535	12% desfrute	716 ton EQC
Bovino de Leite	260	3 550	1 200 l/vaca	4 020 000 l
Ovinos	79	1 816	1,8 Kg de lã	3,2 t
Suínos	285	9 687	76% desfrute	46 t
Abelhas	120	4 682	20 Kg/cx.	93 t
Peixes	30	45 (ha)	600 Kg/ha	27 t

Fonte: Plano Municipal de Desenvolvimento Rural , 2001.

Para impulsionar a produção de carne bovina com mais qualidades organolépticas, foi criado o programa novilho precoce⁷. Este programa tem alavancado o interesse dos produtores em melhorar cada vez mais os índices técnicos de suas propriedades. A utilização de animais de raças puras associadas à seleção de animais mestiços nos cruzamentos pode garantir um plantel de boa qualidade e o resultado ser utilizado para a multiplicação do rebanho. As características da carne do novilho precoce se sobressaem por ser de um animal mais jovem, sendo, portanto, mais saborosa e macia. O programa do novilho precoce foi instituído pela Lei Federal nº 9.193, de 28/07/93, e regulamentado cinco anos depois, pelo decreto 2.908, de 26/05/98. Essa lei autoriza incentivos fiscais de 50% de redução no ICMS sobre a venda de novilhos abatidos com até dois anos de idade e 40% de redução para novilhos até três anos. O programa “Novilho Precoce”⁸, em Santa Catarina, vem tendo um bom desempenho nos quatro anos de seu funcionamento. O governo estadual tem recompensado o setor, pagando incentivos aos produtores e frigoríficos além da assistência técnica, treinamentos, defesa sanitária, classificação das carcaças ao nível de frigoríficos bem como o controle e acompanhamento do programa através da Secretaria do Desenvolvimento Rural e Agricultura, via Cidasc e Epagri. Em Cerrito muitos associados tem se

⁷ Novilho precoce: Macho jovem, castrado, com até dois dentes definitivos e peso mínimo de carcaça de 210 kg. Essa é a definição do Ministério da Agricultura, porém cada estado tem sua especificação.

⁸ O programa de apoio à criação de gado para o abate precoce - criado pela lei federal 9.193 - tem como órgão superior a Comissão Executiva, presidida pelo Secretário de Estado da Agricultura e Abastecimento. Suas atribuições consistem na implantação, manutenção e avaliação do programa de apoio, divulgação de seus resultados,

beneficiado através da produção de animais prontos para o abate dentro dos critérios estabelecidos pelo programa do novilho precoce.

3ª PARTE

3. Associação de Produtores Rurais de São José do Cerrito

3.1 Origem

Em São José do Cerrito já existiam grupos de pecuaristas que se reuniam informalmente e debatiam questões técnicas relativas ao setor pecuário, porém somente como amigos e colegas de profissão. Essas conversas aconteciam, esporadicamente, quando se encontravam no centro da cidade ou nos finais de semana na comunidade. Esses encontros casuais estavam longe de ser eventos organizados ou uma instituição de representação dos produtores. Embora informal esse grupo de produtores passou a cobrar do poder público mais atenção ao setor, exigindo a presença de um profissional de medicina veterinária para orientar e acompanhar os produtores em suas propriedades.

Como não havia profissionais contratados pelo serviço público para atuar junto aos agricultores, qualquer emergência patológica implicava no privado. Duas agropecuárias, das quais apenas uma gerenciada por um veterinário, ofereciam a assistência técnica. A disponibilidade de atendimento não satisfazia a demanda e muitos pecuaristas perdiam animais por falta de assessoria ou acompanhamento.

Dessa forma, cresceu a necessidade de dispor de um profissional que tivesse experiência e competência não só técnica, mas também organizacional. Essa pressão sobre a esfera pública municipal partiu dos pecuaristas mais ativos na comercialização de seus animais. O desejo dos produtores era de tornar a pecuária um setor forte e rentável no município, capaz de fornecer reais condições de permanência no campo.

cadastramento dos produtores e o credenciamento de frigoríficos abatedores; apuração e controle de espécies e valores dos animais comercializados em vista da regularidade fiscal e do pagamento de incentivo.

3.2 Assistência técnica: promoção do desenvolvimento pecuário

Em 1997, convidado pelo prefeito, veio para o município, o médico veterinário Afonso Maria Pereira Tigre. Esse veterinário já era conhecido no local. Originário de uma família de pecuaristas do Cerrito, o mesmo, herdou uma propriedade rural de seus pais.

Antes de retornar para o município trabalhou durante 14 anos em São Lourenço do Oeste (SC), na cooperativa agropecuária São Lourenço Ltda. Entre 1983 e 1997, atuou na organização e na articulação das primeiras feiras agropecuárias daquele município. Ao todo, foram mais de dez feiras realizadas durante este período. Participou também, da organização do primeiro “Remate de animais” de São Lourenço do oeste, onde pode adquirir experiência e desenvolver o espírito de liderança no comando e gerenciamento de grupos de agricultores.

Ao ser contratado pela prefeitura de São José do Cerrito, ficou responsável pela assistência técnica nas propriedades. Durante as visitas fazia um trabalho de conscientização e motivação dos pecuaristas sobre a importância técnica e socioeconômica das feiras de gado. Nessa época, a participação da pecuária cerritense na economia regional era pouco expressiva, dado seus baixos índices zootécnicos. Antes da Associação de Produtores, os pecuaristas não tinham nenhuma organização, se situavam em comunidades isoladas e distantes. As vendas eram realizadas na completa informalidade, onde o comprador decidia o valor dos animais, além de ocorrer com frequência, muitos calotes de negociantes vindos de outros municípios. Muitos compradores não eram conhecidos no mercado, e como poucos deles visitavam a região devido às péssimas condições das vias de acesso, os criadores se sentiam obrigados a vender, pela falta de opção de mercado.

3.3 BR 282, problema ou solução...

O principal fator de restrição das visitas de diferentes compradores se justifica pelas péssimas condições das estradas que permite acesso ao município. Esse isolamento geográfico faz parte da vida do povo cerritense desde 1970, quando ocorreu a pavimentação de praticamente toda a extensão da BR 282, espera-se o fim do trecho que ligaria o município a centros importantes de produção e distribuição de mercadorias, principalmente, Lages, Campos Novos e Curitiba. A BR-282 é tida como importante corredor econômico do Mercosul, já que liga a Grande Florianópolis ao país vizinho a Argentina. Alguns trechos da obra estão em andamento,

mas, em outros, o processo de licitação já foi suspenso. No total seu término custará R\$ 145 milhões de reais. A última análise feita pelos técnicos do tribunal de contas da união (TCU), em junho de 2002, encontrou irregularidades como o aumento de quase 300% nos preços cobrados para serviços de terraplenagem. Na construção da estrada, entre os municípios de São José do Cerrito e Vargem, constatou-se superfaturamento da ordem de R\$ 6,4 milhões de reais. Essas denúncias de corrupção no faturamento das obras impediram a conclusão da rodovia.

3.4 Associação, conquistando confiança, gerando riqueza

Um dos principais entraves durante o processo de formação da associação de produtores se deu na definição das suas metas. A idéia de desenvolver o mercado local e regional, vendendo animais para fora do município, era motivo de insegurança de parte dos criadores. Isso decorria da imagem difundida na região de que no Cerrito se encontram os piores tipos de animais. A causa dessa herança histórica surgiu após a colonização e ocupação no município, por pessoas essencialmente de origem cabocla, com pouca tradição na condução técnica da atividade. Essa ligação gerou ao longo dos anos um dizer popular regional, que em Cerrito nada é produtivo, tudo tem baixo valor no mercado.

Por se localizar geograficamente muito próximo do município de Lages, onde existe uma forte tradição com a pecuária, os boatos entre os produtores e comerciantes sobre os animais encontrados no Cerrito se estendiam aos outros municípios. Com isso, os animais vendidos no município atingiam preços inferiores, quando comparados aos demais municípios da região. Havia um grande receio entre os criadores que a primeira feira fosse um fracasso, vendendo os animais somente no próprio município, com poucos produtores participando. As feiras agropecuárias na concepção dos produtores eram para grandes pecuaristas, com muita terra e bastante capital.

A falta de experiência e conhecimento sobre a realização da feira foi outro grande desafio para os organizadores. Muitos desconheciam a metodologia utilizada nas feiras agropecuárias. No início não havia sede, o local e as jantas oferecidas nas reuniões eram doações dos interessados mais motivados. Nas reuniões discutia-se assuntos referentes ao regulamento e esclarecimentos de dúvidas sobre a organização da primeira feira do carneiro e do gado geral do município.

Alguns eventos motivacionais e a orientação técnica foram realizados para conquistar a confiança dos produtores, a exemplos de palestras e dia de campo⁹.

Dessa forma os responsáveis do frigorífico Pamplona, com sede em Rio do Sul, foram convidados para discutir sobre a qualidade e a cadeia produtiva da carne bovina, um dia de campo sobre melhoramento das pastagens, palestras sobre sanidade e mineralização animal marcaram o calendário dos produtores interessados. Esses eventos foram gradativamente tomando corpo e cada vez mais produtores participavam das reuniões.

Para efetuar a realização da feira, a prefeitura municipal financiou as instalações necessárias para o remate dos animais. Foram construídas 45 mangueiras, (instalado uma balança junto ao desembarcador para a pesagem dos animais), e o pavilhão de remate, onde o leiloeiro faz os trabalhos de venda com arquibancadas para o público comprador e vendedor. Além disso, foi instalado um escritório para preenchimento dos cadastros e das notas de produtor. A foto II a seguir ilustra o parque de exposição onde são realizadas as feiras

Figura II: Pavilhão de remate construído para comercialização dos animais.



Foto: Cortesia da Associação de produtores rurais .

⁹ Dia de Campo é uma metodologia de extensão rural usado para ensinar, motivar, divulgar e demonstrar resultados. É um evento minuciosamente planejado, sendo aplicado para promover a integração municipal e regional entre o público participante.

Toda a comercialização dos animais neste município era efetuada sem a emissão de nota do produtor. Esta situação afetava a arrecadação pública do município, pois as movimentações financeiras de compra e venda, do ponto de vista oficial, não existia, deixando de gerar retornos do ICMS¹⁰.

3.5 Construindo estratégias atrativas de venda

Desde a primeira feira estabeleceu-se como regra a formação de lote mínimo de cinco animais por mangueira, para que a venda se tornasse mais atrativa e compensadora. Essa estratégia possibilitou que criadores que apresentam dois ou três animais possam se juntar para formar um lote. Essa atitude exige maior participação e união dos produtores no momento da venda dos animais. Foi necessário firmar uma parceria com uma empresa de remate para comandar o leilão. A taxa cobrada para associado em dia com a anuidade ficou estabelecida em 2% sobre o valor negociado e 3% para não sócio. O comprador paga uma taxa de 3% sobre o valor da compra. Essa taxa reduzida estipulada pela Associação, comparada com as feiras dos municípios vizinhos, tem o propósito de estimular a participação na compra e venda dos pecuaristas que visitam a feira além de atrair novos.

Para se ter uma idéia sobre a taxação estabelecida em feiras maiores, com vários anos de tradição como a "Expolages" que acontece em Lages no mês de outubro, a taxa cobrada fica em torno de 4% sobre a transação, independente se for sócio ou não do Sindicato Rural, instituição promotora do evento. Para os sócios, o desconto acontece somente na compra ficando entre 3 e 3,5%. Na feira de gado geral de Curitiba a Associação Agropecuária de Curitiba, responsável pela organização cobra uma taxa de 2,5% para os sócios e 3,5% para não sócios.

O remate é um instrumento valioso para elevar o valor dos animais vendidos. Baseia-se na disputa dos interessados em adquirir o produto ofertado, o que tende a valorizá-lo. Quanto maior o interesse pelo produto melhor é o preço conquistado na venda. Isso fez nascer nos

¹⁰ Para os agricultores familiares não é cobrado imposto sobre a compra e venda de produtos primários. Na pecuária o imposto cobrado segue uma tabela de preços de acordo com a categoria animal. A categoria animal como vaca de cria, vaca de leite, vaca magra, crias independentes do sexo com menos de dois anos são isentas de tributos fiscais quando a transação é feita entre produtores. Se a transação for realizada com qualquer terceiro, este não sendo produtor, incide uma taxa de 12% sobre o valor comercializado. Essa política privilegia o produtor proporcionando maior rentabilidade.

produtores, a necessidade de observar que tipo de animal apresenta maior procura e melhor preço. O leilão de um lote inicia com valor mínimo e se efetiva quando alguém oferecer o maior lance e o leiloeiro perceber que se trata da melhor proposta e bater o martelo. Essa estratégia de leiloar os animais no momento da comercialização se torna um elemento que impulsiona a categoria porque os criadores devem necessariamente estar organizados para promover o evento. A Figura III mostra o momento em que os animais estão sendo ofertados no leilão, onde público analisa e faz os lances. Normalmente com uma prancheta e calculadora na mão para avaliar o preço que está acontecendo. Cada participante recebe da empresa de remate uma planilha com todos os lotes, contendo a idade e peso médio dos animais, para facilitar a identificação dos lotes.

Figura III: Produtores no momento do leilão, comprando e vendendo animais.

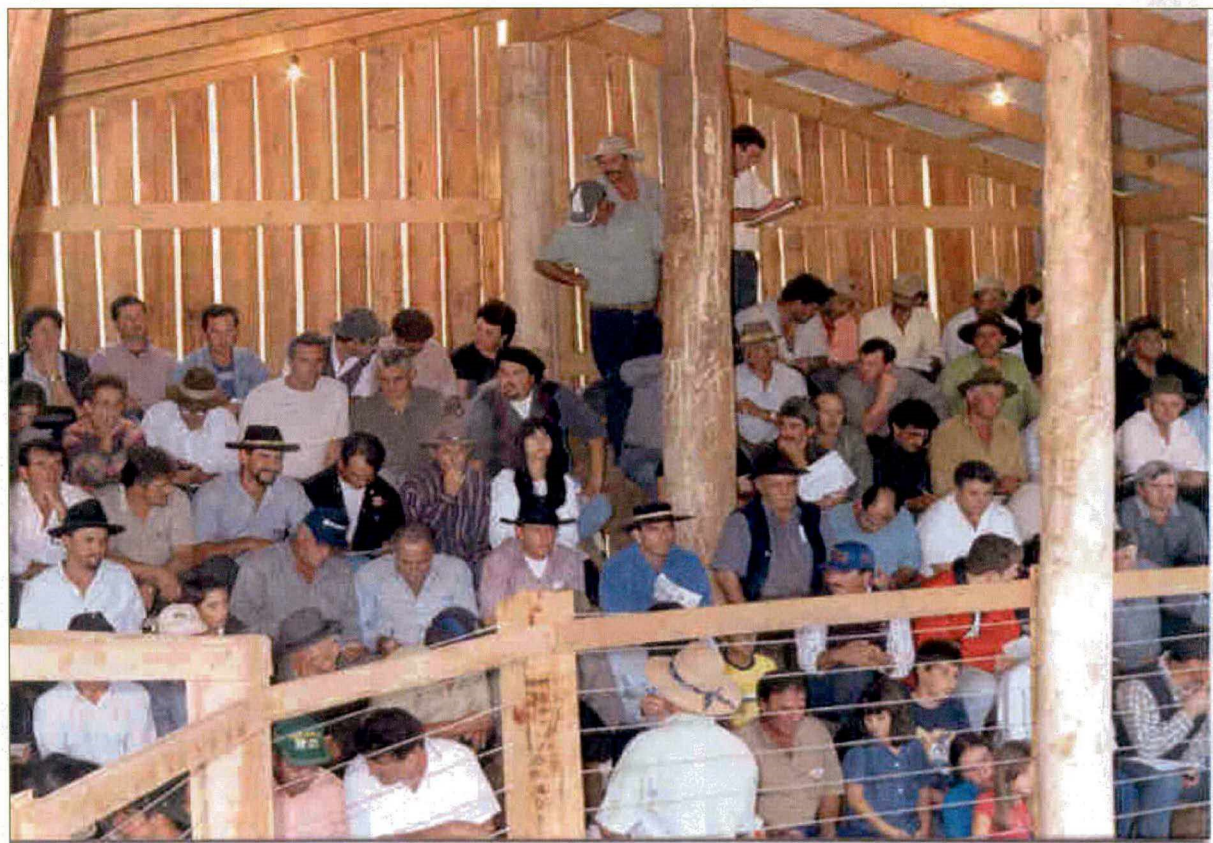


Foto: Cortesia da Associação de produtores rurais.

3.6 Condição dos animais antes das feiras

O gado existente na região era resultado de uma mestiçagem entre vários cruzamentos de espécies européias e zebuínas, sendo produzidos quase que exclusivamente em campo nativo, onde as gramíneas de crescimento estival (primavera e verão) são o principal alimento. A produção anual de matéria seca do campo nativo oscila entre 3 e 5 ton/ha, as gramíneas da estação quente predominam no período de maior produção durante a primavera e verão, obtendo na média geral uma produção muito baixa no inverno. As lotações eram limitadas pela capacidade de suporte do campo nativo no inverno, nas estações de primavera e verão os animais ganhavam peso e durante o inverno perdiam, consolidando o efeito sanfona. Os animais do rebanho atingiam o peso de abate ao redor de 450 kg com idade entre 4 a 5 anos (RITTER *et al*, 1985). Os animais eram pequenos, com padrão genético muito precário, o cruzamento excessivo entre os animais de mesma origem fez com que a variabilidade genética reduzisse muito, resultando num baixíssimo desempenho zootécnico que somados ao uso mínimo de mão-de-obra, cercas de contenção e sanidade animal, tornava a pecuária em **precária**.

Foi pensando em mudar essa situação que motivou os associados a promover a primeira feira agropecuária de São José do Cerrito. O objetivo era criar um evento capaz de fortalecer os pequenos e médios produtores. Para que pudessem receber um preço justo pelos animais vendidos.

Dentro do grupo de pecuaristas que reivindicavam do poder público mais atenção ao setor pecuário, havia aqueles que rotineiramente levavam seus animais para vender nas feiras agropecuárias de Campos Novos, Lages, Curitiba, Bom Jardim da Serra, Campo Belo do Sul. Esses municípios têm na pecuária, o braço forte da sua economia. Esses produtores buscavam nas feiras, reprodutores selecionados de boa conformação e aptidão reprodutiva para melhorar a qualidade de seus rebanhos. Assim, esses criadores foram paulatinamente substituindo seus animais de reduzido padrão genético, com baixos desempenhos e passaram a dispor de animais bem desenvolvidos, adaptados à região prontos para serem comercializados tanto para a engorda e terminação, quanto para a reprodução. A presença desses animais no município foi o que permitiu promover em abril de 1998 a primeira feira de gado bovino em São José do Cerrito.

3.7 Fundação da Associação de produtores rurais

A associação de produtores rurais foi fundada em 30 de outubro de 1997, no parque de exposição municipal de São José do Cerrito, sob a forma de sociedade civil sem fins lucrativos, contando com 39 membros fundadores. Na reunião de fundação foi apresentada uma chapa única para a primeira diretoria executiva da associação. A diretoria eleita exerceu as funções durante dois anos consecutivos. Após a posse da diretoria o vice-presidente convidou os membros da associação a fazer uma doação de uma novilha para ser leiloadada na primeira feira. O objetivo era arrecadar fundos para a manutenção da associação e garantir alguns animais para a primeira feira. Na ocasião 13 membros se colocaram a disposição para efetuar a doação juntamente com a câmara municipal de vereadores e o colégio agrícola Caetano Costa que também garantiram a doação. (ATA Nº 1, 1998) A associação de produtores rurais de São José do Cerrito está com aproximadamente 80 associados. Segundo o tesoureiro da associação, dos oitenta associados, cerca de 20 a 25% não residem no estabelecimento e exercem atividade externa, tais como comerciante funcionalismo público etc.

4ª PARTE

4. Feiras de Gado Bovino

Segundo o dicionário Aurélio a palavra feira significa, “lugar público muitas vezes descoberto, onde se expõe e vendem mercadorias”. Segundo relatos de alguns livros antigos as feiras surgiram na Ásia a mais ou menos 800 anos antes de Cristo, e posteriormente veio para a América, onde se tornou um grande evento promovido pelos agricultores na Califórnia EUA. Surgiu como um evento rural com o objetivo de promover encontros e trocas de experiência entre os agricultores. Mais tarde, esses encontros passaram a tomar corpo e a cada nova feira surgiam novas idéias de fazer exposições de produtos de uso agrícola e divulgar os animais mais belos e produtivos. A idéia deu tão certo que os estados da federação começaram a promover concursos entre si. Com o surgimento das escolas de agricultura, as feiras se tornaram o grande encontro entre agricultores, profissionais e vendedores de insumos agrícolas, onde o principal objetivo era vender mercadorias e fazer negócios. No Brasil chegou como uma grande experiência norte-americana de comercialização sendo impulsionada pela modernização da agricultura entre os

anos de 1960 e 1980. Atualmente é um evento consolidado em todo o país, sendo a principal forma de comercialização de animais entre os produtores.

4.1 Realização da 1ª feira do carneiro e gado geral

O principal motivo que mobilizou os organizadores e fundadores da associação foi a realização da feira do carneiro e gado geral. Após superar os desafios iniciais de convencimento e esclarecimento sobre a importância de organizar e promover a pecuária cerritense, chegou o momento de preparar os produtores para a realização da primeira feira. A primeira feira ocorreu em 26 de abril de 1998, com a venda de 368 animais, gerando um valor bruto comercializado de R\$ 83.818,00 reais.

Essa feira superou as expectativas dos organizadores que conseguiram vender um número razoável de animais. O preço conquistado também causou surpresa, pois foram vendidos 267 cabeças de sobre-ano, atingindo um preço médio de R\$ 0,89/kg de peso vivo. Na época o preço pago ao produtor na microrregião Campos de Lages, girava em torno de R\$ 0,70, segundo dados do Instituto de Economia e Planejamento Agrícola de Santa Catarina (ICEPA). No total, foi comercializado um peso bruto de 99 790kg, obtendo o valor bruto monetário de R\$ 83 818,00. O preço médio recebido por quilo de animal vivo ficou em média R\$ 0,84, cerca de 20% acima do valor praticado caso fosse vendido na propriedade. A Figura V ilustra os automóveis presentes na feira, demonstrando o volume de participantes nos eventos.

Figura IV: Estacionamento do parque durante a feira mostrando o volume de participantes.



Foto: Cortesia da Associação dos produtores rurais

Com a excelente participação dos primeiros compradores nesta feira, os criadores do município passaram a acreditar e se empenhar mais no desenvolvimento do setor. A venda e a movimentação de compradores na feira atraiu grande interesse dos criadores, que passaram a observar os lotes mais valorizados. Algumas características foram evidenciadas entre os lotes, como padrão da raça, pelagem, idade, tamanho uniforme dos animais, estrutura e conformação corporal. Características importantes quando se buscam animais com alta performance na comercialização. Essas referências passaram a ser assuntos discutidos constantemente entre os criadores nas reuniões da Associação dando origem a novas alternativas tecnológicas. A Figura VI apresenta um lote de terneiros da raça charolês considerados uniformes.

Figura V: Lote de machos charolês na feira, uniformidade na pelagem e no tamanho.



Foto: cortesia da Associação de produtores rurais.

A criação da 1ª Feira do Terneiro e Gado Geral em abril de 1998 simboliza um salto de qualidade da pecuária do município e uma fonte de motivação para aperfeiçoar os sistemas produtivos. Essa primeira experiência inspirou a organização da “Feira da Novilha e do Reprodutor”, em 2001. Com esses eventos, o município tem atraído o interesse de vários criadores e comerciantes de gado da região e do estado.

4.2 Resultados das feiras em São José do Cerrito

A Tabela VI, a seguir, indica um acréscimo de 23% no número de animais vendidos na 2ª feira realizada em abril de 1999. Os bons preços alcançados nas feiras têm motivado um número significativo de participantes, principalmente, de municípios vizinhos que antes não incluíam São José do Cerrito nas suas agendas de negócios. Durante os primeiros cinco anos de

funcionamento, as feiras movimentaram mais de 1 375 452 e venderam cerca de 3 181 animais selecionados

Tabela VI: Número de animais vendidos e valor comercializado nas feiras

Ano	Evento	Nº de animais vendidos	Valor Comercializado (R\$)*
1998	1ª feira do terneiro e gado geral	368	83 818,00
1999	2ª feira do terneiro e gado geral	480	142 000,00
2000	3ª feira do terneiro e gado geral	434	168 000,00
2001	4ª feira do terneiro e gado geral	726	365 834,00
	1ª feira da novilha e reprodutor	255	113 434 ,00
	5ª feira do terneiro e gado geral	692	288 876,00
2002	2ª feira da novilha e reprodutor	213	110 910 000
Total		3 181	1 375 452

Fonte: Associação de produtores rurais de São José do Cerrito - 2002

Na primeira feira o preço médio pago por animal vendido, desconsiderando-se a categoria atingiu valor de R\$ 227,00 . Na feira do ano seguinte houve um acréscimo de 23% no preço pago por animal saindo por R\$ 296,00. Nas feiras posteriores os preços foram respectivamente R\$ 387,00, R\$ 503,00, R\$ 417,00, mantendo um crescimento na faixa de 23%. Na feira de 2002 houve uma pequena redução percentual nos preços recebidos por animal, ficando em 20%. A feira de 1999, os produtores estavam empolgados e capricharam na formação dos lotes. Cada produtor passou a desenvolver sua maneira de selecionar os animais, juntar os mais semelhantes em termos de tamanho e pelagem. Segundo os dados do relatório da empresa de remate, na feira de 2001, o lote mais valorizado de fêmeas conquistou R\$ 3,30 reais/kg. Eram 11 fêmeas da raça charolês com 6 meses de idade e peso médio de 127kg/cab, um valor excepcional. Na categoria dos machos, o lote que teve o melhor desempenho foi de 12 machos charolês com 5 meses de idade e peso médio de 100kg/cab que alcançou R\$ 3,00/kg. Segundo o responsável técnico da Associação méd vetº Afonso, foi o maior preço pago por animal nas feiras agropecuárias do Estado. O ano de 2001 foi um ano muito comemorado pelos pecuaristas, onde venderam 726 animais de alto padrão racial, sendo 517 machos e 209 fêmeas.

Figura VI: Lote de machos reprodutores comercializados na II feira da novilha e do reprodutor em novembro de 2002 (tabapuã e indubrasil).



Foto: Furlanetto, 2002.

A realização das feiras passou a exigir que os produtores fizessem o planejamento da propriedade e do sistema de produção que vinham desenvolvendo. Assim, para que o pecuarista pudesse vender esses animais em abril, a estação de monta deveria acontecer em outubro e novembro do ano anterior. No entanto, para que as vacas fornecessem um animal por ano de boa qualidade era necessário melhorar as condições de alimentação, sanidade e reprodução do rebanho. Instrumentos necessários para o sucesso do empreendimento, que antes das feiras, os produtores não davam tanta importância. Logo, os criadores passaram a aperfeiçoar seu sistema de produção e tornar a atividade mais rentável através de pequenas mudanças.

A partir da 3ª feira uma nova estratégia foi adotada para impulsionar a qualidade dos lotes vendidos. Criou-se uma forma de recompensar através de uma premiação os cinco produtores que trouxessem os melhores lotes. O critério de escolha era de acordo com o maior lance que o lote atingia na pista de remate. Isso incentivou os produtores a investir ainda mais na qualidade de seus animais. Essa estratégia se revelou eficiente, pois recompensa os melhores

criadores e desperta a curiosidade nos demais sobre o sistema de produção utilizado para obter bons lotes.

Em todos os animais trazidos na feira são realizados os testes de brucelose e tuberculose. Os exames são realizados por conta da CIDASC, onde se paga uma taxa de R\$ 1,00 por animal. Todos os animais comprados nestas feiras têm a garantia sanitária de origem testada. A fim de aprofundar os estudos a cerca das condições técnicas de produção dos associados, a seção seguinte analisa dados de uma amostra dos produtores associados.

5ª PARTE

5 Aspectos sociais e econômicos dos entrevistados

Neste trabalho foram entrevistados onze responsáveis de estabelecimento agrícola e visitadas suas respectivas propriedades. A faixa etária dos pecuaristas revela uma categoria bastante diversificada abrangendo desde a participação de membros jovens como o mais jovem com 32 anos, trabalhando na atividade há 12 anos, até o mais idoso com 82 anos e 65 anos de dedicação na pecuária. A maior parte dos produtores concluiu seus estudos primários e logo após abandonando-o para se dedicar aos trabalhos na propriedade. Desde cedo já acompanhavam as tarefas do dia-a-dia do campo juntamente com seus pais. A grande maioria herdou de seus familiares a tradição de trabalhar com gado. No município é muito comum que os filhos recebam de seus pais, quando do seu casamento, uma parcela de terra para trabalhar. A seguir, na Tabela VII, são apresentadas as características gerais dos produtores entrevistados.

Tabela VII: Perfil dos produtores entrevistados.

Produtor	Idade (anos)	Escola- ridade	Estado civil	Tempo na atividade	Herança (ha) na terra	Compr a (ha) terra	Total (ha)
1	57	4ª série	casado	35 anos	240	235	475
2	32	4ª série	casado	12 anos	156	52	220
3	82	4ª série	viúvo	65 anos	120	2,4	122
4	45	superior	casado	18 anos	60	60	120
5	58	4ª série	casado	30 anos	48	107	155

6	66	8ª série	casado	15 anos	30	270	300
7	50	4ª série	casado	28 anos	196,8	67,2	264
8	56	4ª série	casado	30 anos	60	96	156
9	69	4ª série	casado	25 anos	0	113	113
10	35	7ª série	casado	05 anos	753,6	14,4	768
11	62	4ª série	casado	40 anos	96	192	288

Fonte: Questionário de pesquisa 2002.

Nesta amostragem, os produtores em destaque representam o grupo de pecuaristas que não tem a pecuária como ocupação ou fonte principal de renda para a manutenção da família. Esses produtores têm outra ocupação remunerada na cidade, tendo a atividade pecuária como complemento da renda familiar. Trata-se de um comerciante, de um funcionário público e de um vereador. A maior parte dos criadores possui tratores e equipamentos necessários ao manejo dos animais, diferentemente dos demais agricultores locais. Somente as propriedades com maior capital, dispõe de balança, pois é um equipamento de custo elevado. A balança é usada para pesar os animais que irão para a feira, ou para pesar animais que são vendidos. Como nem todos dispõe desse equipamento é comum um produtor fazer a pesagem dos animais para vizinhos, cobrando uma taxa por animal pesado.

5.1 Características zootécnicas dos rebanhos

Nas entrevistas, ficou evidente que a maioria dos produtores não faz o controle da idade e do peso das novilhas na primeira cobertura, a resposta mais freqüente a essa pergunta foi “mais ou menos”, ou seja, não havia uma resposta consistente que demonstrasse conhecimento suficiente sobre essas práticas de manejo. Segundo (ROVIRA, 1975), o peso da novilha no momento da primeira monta é mais importante que a idade. O peso ideal recomendado para o entouramento de novilhas está ao redor de 300kg. A idade e a época de maturidade sexual dependem da raça e dos sistemas de alimentação. As novilhas de raças taurinas são mais precoces que as de raças zebuínas. Dependendo do sistema de alimentação, as raças com sangue taurino, podem atingir a maturidade sexual a partir dos 12 meses de idade. Para buscar eficiência no sistema reprodutivo é preciso cumprir alguns requisitos, como desmamar no outono com peso próximo de 180kg (EMBRAPA, 1997). Isso implica num bom nível nutritivo das vacas durante

toda a lactação e, por conseguinte, da terneira. Quanto maior for o peso da terneira no desmame, maiores são as chances de entourar aos quinze meses, idade em que as novilhas devem estar com 300kg de peso vivo (ROVIRA, 1975). Esses detalhes são fundamentais, pois envolvem uma série de questões relacionadas à alimentação, época de desmame, restrição de cobertura em novilhas debilitadas e o uso racional dos reprodutores, condições indispensáveis ao bom preparo das futuras vacas. A alimentação é um fator extremamente importante para obtenção de bons índices reprodutivos no rebanho (SCHMIDT, *et al*, 1975). Animais que não possuem um bom sistema de alimentação apresentam idade tardia à primeira parição e longos intervalos entre partos, tendo como consequência um elevado custo de produção.

Os produtores do município têm a tradição de deixar o touro junto com as vacas e novilhas durante o ano todo. Dessa forma fica praticamente impossível de perceber se a novilha ficou coberta ou se repetiu o cio. Esse tipo de manejo privilegia animais com algum defeito reprodutivo e provoca prejuízo ao produtor, porque além de estar consumindo a pastagem desgasta o reprodutor e não possibilita uma cria anual. A Figura VII ilustra a presença permanente do touro junto com as vacas e suas crias.

Figura VII: Reprodutor Charolês junto com as crias, dificuldade de identificar cio.



Foto: Furlanetto, 2002.

Na pecuária de corte é comum o proprietário dispor de um trator e implementos para o serviço de rotina como aração, gradagem, roçada de pasto plantadeira para o plantio das pastagens anuais e em muitas propriedades o plantio de grãos. Um estudo realizado por (PAIM COSTA, 2000), da EMBRAPA gado de corte com um grupo aleatório de 100 pecuaristas em Campo Grande MS, revelou que 93% das propriedades dispõem de trator. Em Cerrito os dados são semelhantes onde 92% dos entrevistados tem a disposição um trator e seus principais implementos, como roçadeira, arado, grade, distribuidor de calcário, plantadeira e carreta. Na caracterização das casas 63% tem sua residência construída em alvenaria e 37% residem em casa de madeira. Diferente da maioria dos agricultores do município. A Tabela VIII, a seguir apresenta a caracterização das propriedades em relação a localização e a presença de máquinas e equipamentos.

Tabela VIII: Identificação das comunidades, distância da sede, presença de trator e balança.

Produtor	Comunidade	Distância da sede	Tipo de casa	Trator e implementos	Balança
1	Corredeira	24 Km	alvenaria	sim	sim
2	Fazenda Nova	8 km	madeira	sim	sim
3	São José	17 Km	madeira	não	vizinho
4	Santo Antonio	15 Km	alvenaria	sim	sim
5	Santo Antonio	16 Km	alvenaria	sim	vizinho
6	Bom Jesus	7 Km	alvenaria	sim	sim
7	Corredeira	28 Km	alvenaria	sim	sim
8	Santo Antonio	12,5 Km	madeira	sim	vizinho
9	São José	15 Km	alvenaria	não	sim
10	Corredeira	22 Km	alvenaria	sim	vizinho
11	Corredeira	25 Km	madeira	sim	vizinho

Fonte: Questionário de pesquisa, 2002.

As comunidades de maneira geral não são distantes da sede do município, mas cabe ressaltar que as vias de acesso não são pavimentadas e apresentam péssimas condições de manutenção. Os transportes dos animais para as feiras, e as viagens necessárias ao centro da cidade, são muito desgastantes. Os automóveis e caminhões rotineiramente estão nas oficinas

necessitando de reparos. Os freqüentes danos nos veículos têm causado um acréscimo elevado nos custos de produção. Nos dias de chuvas, muitos produtores não se arriscam sair de casa com seus carros, porque existe grande chance de atolarem na BR 282, principal via de acesso ao centro da cidade. Em caso de emergência o jeito é esperar passar a chuva e secar as estradas. Na Figura VIII se observa, as condições da BR 282 em dias chuvosos.

Figura VIII: Trecho da BR 282 principal acesso à sede do município.

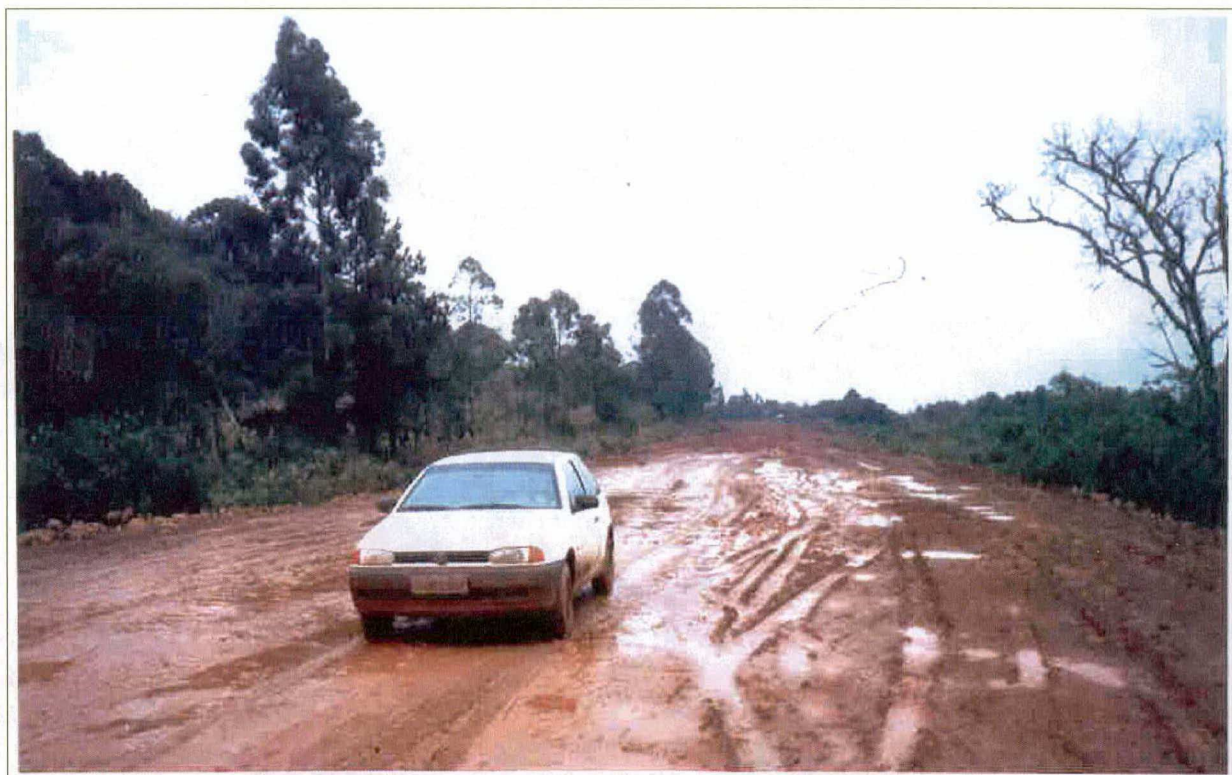


Foto: Furlanetto, 2002.

Um dado interessante está na estrutura fundiária do grupo entrevistado, revelando que na pecuária prevalece o uso de grandes extensões de terras, como citado primeiramente na estrutura fundiária do município. Neste grupo a propriedade com a menor parcela apresenta 113 hectares e a maior com 768 ha. A agricultura é praticada por todos, onde as principais culturas exploradas são milho e feijão. Nas propriedades visitadas todas as áreas destinadas à agricultura são mecanizadas, e as operações de preparação e plantio do solo são realizadas com o uso do trator. A grande maioria dos produtores planta milho para o consumo dos animais durante o inverno, período de escassez de pasto. Uma prática muito comum dos produtores da Associação é

fornecer rolão de milho¹¹, para as crias logo após o desmame. No momento do desmame tanto as vacas quanto as crias passam por estresse. O estresse do desmame é causado pelo efeito acumulativo de dois componentes: emocional e nutricional (Encarnação, 1998). Como consequência do estresse no desmame, ocorre a perda de até 10% do peso e atraso no desenvolvimento da cria, além da maior suscetibilidade a doenças e parasitoses. O estresse pode ser desencadeado pelo excesso de calor, frio, fome, sede, isolamento, medo, ansiedade etc... A suplementação alimentar e a formação de pastos especiais após o desmame é uma alternativa necessária para as crias para reduzir estes problemas (SCHMIDT *et al*, 1975).

No conjunto dos entrevistados, as áreas de pastagem ocupam 49,5% da área disponível na propriedade na menor proporção e 84% na maior proporção. Na Tabela IX se observa a predominância da atividade pecuária, através das áreas ocupadas pelas pastagens.

Tabela IX: Ocupação do solo das propriedades visitadas.

Produtor	Área total (ha)	Mata Área (ha)	Capoeira Área (ha)	Reflorestamento Área (ha)	Agricultura Área (ha)	Pastagem Área (ha)
1	475	48	24	0	40	391
2	220	36	12	0	33	159
3	122	12	5	0	20	105
4	120	50	0	0	25	50
5	155	48	24	5	10	77
6	300	70	5	15	40	230
7	264	36	0	0	20	192
8	156	55	4	0	30	99
9	113	10	5	3	15	80
10	768	230	39	0	100	500
11	288	50	50	0	50	188

Fonte: Questionário de pesquisa, 2002

¹¹ Consiste na trituração da espiga de milho colhida com palha, sendo fornecida aos animais como concentrado energético. O rolão de milho possui 87,8% de matéria seca, apresenta 64,2% de NDT e 8,19% de proteína bruta e 8,06% de fibra bruta. É um alimento indicado para recuperar os animais do estresse no desmame e fortalecer os fracos. Tanto a energia quanto à proteína são vitais para a manutenção e o crescimento dos animais e fazem parte do sistema de defesa do organismo contra doenças.

Como vimos a disponibilidade de pastagem de boa qualidade é um componente indispensável para qualquer sistema de exploração de carne. O uso de pastagem de boa qualidade nutricional garante alimento aos animais e permite reduzir os custos com a alimentação concentrada.

Os pastos de boa qualidade têm sido o fundamento para a exploração econômica e eficiente nos rebanhos para a produção de carne. Durante a estação de crescimento, o pasto proporciona o alimento mais econômico para os animais, pois o principal insumo necessário ao bom crescimento da forragem é a energia solar, oferecida gratuitamente às plantas através da luminosidade e temperatura. Os animais alimentados a base de pasto com boas qualidades nutritivas a excelentes, podem consumir de 45 a 90 kg diário de forragem, contendo entre 15 e 30% de matéria seca (SCHMIDT *et al*, 1975). A qualidade da forragem consumida depende, da espécie forrageira, do grau de maturação e da parte do vegetal que o animal ingere. As plantas que estão no estágio vegetativo, mais jovem antes de formar a inflorescência são mais nutritivas. À medida que avança o estágio de desenvolvimento da planta aumenta a concentração de lignina. A quantidade de lignina no alimento é um fator crítico com relação a digestibilidade, quanto mais avançado o estágio da planta menor é a digestibilidade e conseqüentemente a qualidade (CORSI *et al* , 1992).

Nos últimos anos é crescente o cultivo de pasto nas estações em que as pastagens naturais são castigadas pelas fortes geadas e o frio intenso. Na Tabela X, a seguir, é possível observar que os produtores da Associação seguem essa lógica prevenindo-se contra a falta de alimento, durante o período crítico da pastagem. Todos os produtores fazem o plantio de aveia e azevém para usar no inverno. No verão os estoques são garantidos com o plantio de milho em áreas mecanizadas. A frequência da integração lavoura e pecuária tem trazido resultados positivos maximizando o aproveitamento das áreas e das forrageiras nas entressafras que permaneciam em repouso ou ficavam ociosas. A estratégia de uso da terra é interessante, porém tem problemas quanto à condução do sistema. Os produtores costumam fazer o plantio de milho e milho, culturas com hábito de crescimento estival, usando no inverno arados e grades para preparar o solo para o plantio consorciado de aveia e azevém. Todas essas culturas são da família das gramíneas e tem necessidade nutricional semelhante. Ou seja, o uso contínuo dessa sucessão pode causar esgotamento do solo através da exportação de nitrogênio, potássio e fósforo, principais nutrientes minerais essenciais para essas culturas. Por outro lado o preparo excessivo

do solo leva à erosão, compactação e degradação do solo. Por isso, as pastagens perenes são mais recomendadas (VINCENZI, 2002).

Tabela X: Distribuição das pastagens de acordo com o ciclo de desenvolvimento.

Produtor	Perene Inverno	Perene Verão	Anual Inverno	% Pastagem de inverno	Anual Verão	Campo Nativo	Piquete Melhorado	Total de Pastagem
1	5	72	40	11,5	10	262	5	391
2	20	20	20	25,1	5	74	20	159
3	0	0	20	19,0	5	80	0	105
4	10	10	10	40,0	20	0	0	50
5	0	28	10	13,0	0	39	0	77
6	0	100	40	17,4	20	70	0	230
7	20	96	5	13,0	0	51	20	192
8	0	24	26	26,2	12	37	0	99
9	2	8	8	12,5	10	44	8	80
10	0	144	100	20,0	20	236	0	500
11	0	10	50	26,6	20	108	0	188

Fonte: Questionário de pesquisa, 2002

Com exceção de um produtor, o restante tem o campo nativo como a principal fonte de alimento para os animais. Uma prática que vem tomando corpo é o melhoramento dos campos com a introdução de espécies forrageiras exóticas, como azevém, aveia, trevo branco, trevo vermelho, cornichão, festuca e hemátria. Essa prática decorre das palestras sobre melhoramento das pastagens, promovidas pela associação. A percentagem de pastagens de inverno em relação ao total de pastagens varia de 11,5% da área na propriedade com menor relação e 40% da área na propriedade de maior relação.

O melhoramento da pastagem fazendo o uso consorciado de gramíneas e leguminosas é uma prática muito vantajosa, pois as gramíneas isoladas não atendem as necessidades dos animais na oferta de proteína, sendo compensada pelas leguminosas. De maneira geral as gramíneas produzem maiores quantidade de matéria seca do que as leguminosas, mas com menores teores de proteína bruta. As leguminosas possuem a capacidade de fixar nitrogênio

atmosférico a partir das bactérias específicas do gênero *Rhizobium*, que vivem em simbiose no sistema radicular.

A utilização de leguminosas em pastagens é uma técnica de manejo intensivo¹². Em várias regiões elas são adotadas como meio de aproveitar a fixação biológica do nitrogênio atmosférico, proporcionando melhor qualidade física e química ao solo, bem como a qualidade nutritiva das plantas(VIDOR *et al*, 1997). Normalmente o plantio de gramíneas e leguminosas misturadas na mesma área, proporciona maiores rendimentos de forragem e melhor distribuição estacional dessas produções do que quando plantadas isoladamente (QUADROS *et al*, 1997). Dependendo da espécie, as leguminosas são capazes de fixar até 180 Kg/ha de nitrogênio (N), usado para suprir as necessidades fisiológicas das plantas sendo transferido parte para as plantas consorciadas. O uso de espécie de gramíneas e leguminosas compatíveis permite o consórcio adequado para o bom desenvolvimento da pastagem.

A pecuária no Sul do país encontra-se estabelecida em ecossistemas subtropical, o qual apresenta uma ampla variação de clima, solo e vegetação. Apesar das mais variadas características encontradas nesses ecossistemas, todos utilizam as pastagens como principal fonte de alimento para os animais(PATINO *et al*, 2002).

A utilização racional das pastagens está associada à obtenção de índices zootécnicos¹³ que garantam a otimização da produtividade animal por hectare, e principalmente, que sejam viáveis economicamente. A Tabela XI, a seguir, apresenta a diversidade de espécies forrageiras, a utilização de sal mineral e a procedência da água fornecida aos animais das propriedades visitadas.

¹² Em relação à produção animal a base de pasto, manejo intensivo significa explorar com a máxima eficiência os recursos existentes, aumentando a produção ou a utilização da forragem por unidade de área, através do aumento relativo nas taxas de lotação (capacidade de suporte).

¹³ São considerados como índices zootécnicos a idade da novilha ao primeiro parto, taxa de natalidade e mortalidade de bezerras, taxa de prenhez, taxa de reposição de novilhas para a reprodução, idade de abate dos animais, intervalo entre partos, taxa de desfrute etc...

Tabela XI: Composição da pastagem usada nas propriedades visitadas.

Produtor	Composição da pastagem	Sal mineral	Nº de cocho	Fonte de água
1	Jesuíta, missioneira, hemátria aveia+azevém, trevos, cornichão, milheto, campo;	sim	20	Córrego, açude
2	aveia, azevém+trevos, hemátria, milheto, campo;	sim	150	Córrego, açude
3	Aveia+ azevém, missioneira, milheto, campo;	sim	1	Córrego, açude
4	Aveia+trevos, hematria, festuca, fluva, missioneira, aveia+azevém, milheto;	sim	20	Córrego, açude
5	Jesuita, aveia+azevém, campo;	sim	3	Córrego
6	Anone , pensacola, jesuíta, missioneira, milheto campo;	sim	1	Córrego, açude
7	Missioneira+jesuita, pensa- cola+trevos+azevém, campo;	sim	11	Córrego, açude
8	Anone , jesuíta, hematria, missioneira, aveia+azevem, milheto, campo;	sim	4	Córrego, açude
9	Jesuíta, hematria, aveia, milheto, azevem+trevos+cornichão,campo;	sim	10	Córrego, açude
10	Jesuíta, missioneira, hematria, tifton, milheto, campo;	sim	19	Córrego
11	Jesuíta, pensacola, missioneira, aveia+azevém, milheto, campo;	sim	12	Córrego, açude

Fonte: Questionário de pesquisa, 2002.

Chama a atenção o fato de alguns produtores implantar em suas propriedades o capim anone como pastagem. Esta espécie é conhecida por ser muito agressiva e provocar eliminação de outras espécies forrageiras benéficas e mais produtivas, devido sua capacidade de competição por

minerais, água e espaço físico. O sistema radicular é muito desenvolvido e consegue reter grande quantidade de nutrientes dificultando o crescimento de plantas que estão próximas. Os produtores costumam fazer o uso do fogo em áreas de incidência de capim anone para revigorar o rebrote de folhas jovens. Quando este capim encontra-se nos estágios mais avançado de desenvolvimento apresenta alta concentração de lignina tornando-se muito duro, sendo recusado pelos animais. A característica fisiológica dessa espécie torna-a muito agressiva, razão de ser considerada em muitas regiões, como praga da pastagem.

No município, em muitas propriedades, o uso de espécies exóticas vem substituindo as áreas ocupadas por campo nativo. Muitos produtores cultivam o milheto como suplemento alimentar no verão sob forma de pastejo. A silagem é uma prática pouco comum entre os produtores das propriedades visitadas. Somente um faz silagem usando o milho, fornecendo aos animais durante os meses mais críticos do inverno.

O manejo dos animais é feito a campo, explorando as pastagens como fonte principal de alimento. Nos meses mais críticos do inverno alguns produtores fornecem alimentação concentrada aos animais mais necessitados. Não foi constatado o uso do sistema de criação confinado. Os animais permanecem a campo o ano todo em parcelas chamadas invernadas¹⁴. Nessas parcelas não existe um planejamento programado do tempo de ocupação dos animais, a permanência segue a disponibilidade que o produtor tem de colocar os animais em outra parcela com o pasto em boas condições de pastejo. Não havendo pastagem recuperada os animais ficam a espera até que outra invernada possa ser ocupada. Nos meses que ocorrer variações climáticas com baixa frequência de chuvas a pastagem reduz seu crescimento sendo castigada pelo pisoteio excessivo dos animais que permanecem transitando nas parcelas a procura de alimento.

É necessário conhecer as diferentes categorias animais presentes na propriedade para gerenciar melhor os recursos disponíveis e o manejo dos animais, não prejudicando os mais necessitados. Cada categoria animal apresenta necessidades fisiológicas específicas com tratamento diferenciado. Vacas em lactação tem maior necessidade de nutrição do que novilhas e vacas secas. Logo, estas não podem competir igualmente por alimento. O planejamento adequado, separando em lotes diferentes algumas categorias animais, contribui para melhorar o uso das pastagens.

¹⁴ Invernada: Designação dada às parcelas de pastagens destinadas à recuperação dos animais fracos durante o inverno.

Das propriedades visitadas somente uma tem explora a fase da engorda de novilhos como atividade principal, o restante se dedica na fase de cria produzindo bezerros para serem vendidos na feira. Todas as propriedades têm a disposição pelo menos um reprodutor responsável para cobrir as matrizes no momento do cio. Nas visitas a campo constatou-se a predominância de reprodutores da raça charolês, porém foi encontrado reprodutores de raças zebuínas como guzerá, tabapuã e nelore e taurinas como blonde daquitaine, pardo-suíço e devon. Na Tabela XII encontra-se os números das categorias animais.

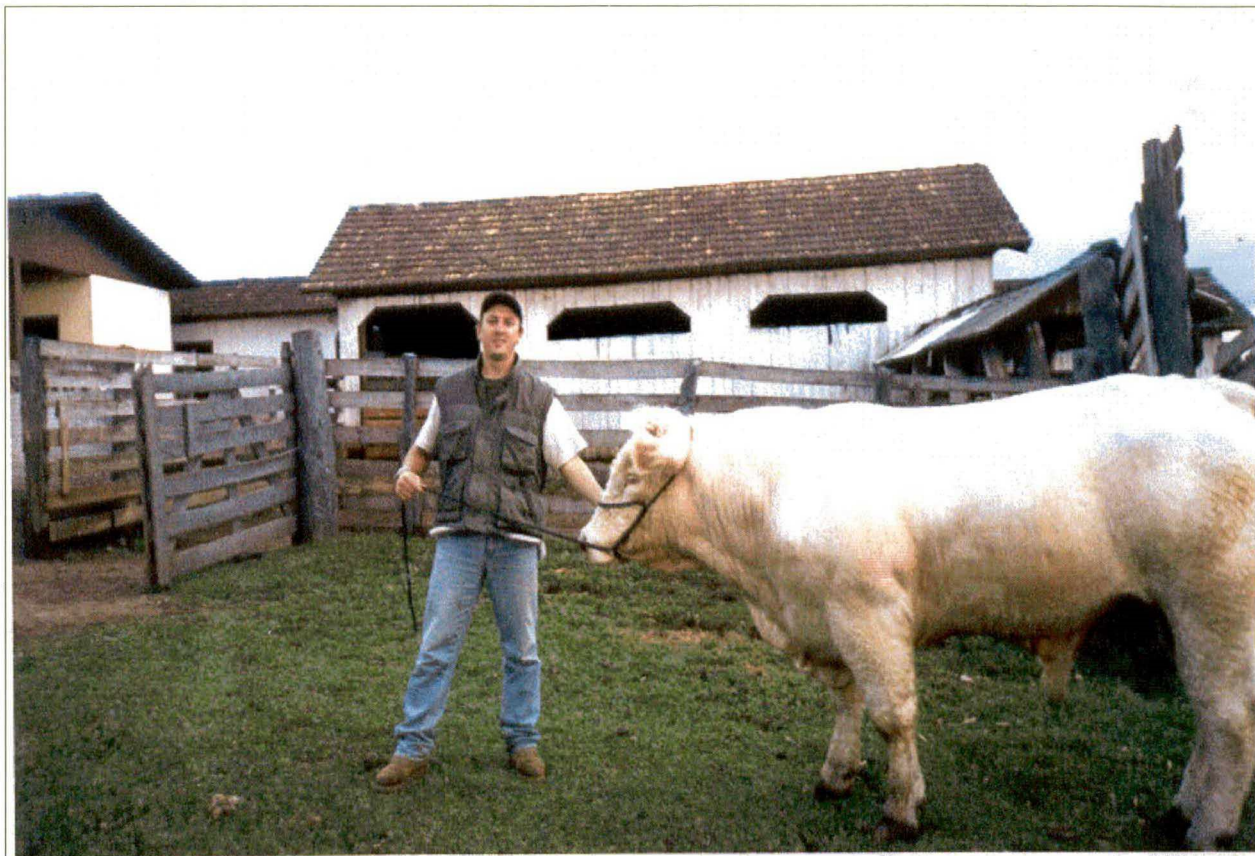
Tabela XII: Rebanho bovino dos membros entrevistados.

Produtor	Rebanho total	Vacas Nº cab	Bezerra Até 1 ano	Novilhas + de 1 ano	Bezerro Até 1 ano	Novilhos + de 1 ano	Touros Nº cab
1	292	130	25	58	30	45	4
2	99	11	4	1	2	80	1
3	40	30	0	9	0	0	1
4	88	50	10	10	16	0	2
5	70	20	10	17	10	10	3
6	165	70	30	50	10	0	5
7	115	60	13	18	12	8	4
8	88	30	25	25	6	0	2
9	45	14	2	7	2	20	0
10	266	100	15	71	10	65	5
11	150	68	25	45	2	9	1

Fonte: Questionário de pesquisa, 2002.

A Figura IX ilustra a presença de touros de alta qualidade genética nos rebanhos dos associados. Animal com menos de dois anos com mais de 600 quilos de peso, sendo usado para cobrir as vacas do plantel.

Figura IX: Touro puro de origem com menos de dois anos de idade da raça charolês adquirido na Expolages – 2002



Fonte: Furlanetto, 2002

6ª PARTE

6. Considerações finais

A criação da feira de gado bovino trouxe para São José do Cerrito a esperança e a convicção de tornar o município um grande produtor de terneiros para recria e engorda e novilhas para reprodução. A presença demasiada de animais para a feira do terneiro e gado geral de abril exigiu a realização de um evento específico de animais utilizados para a reprodução. A partir da quarta feira do terneiro e gado geral no ano de 2001, foi realizada a primeira feira da novilha e do reprodutor, que acontece no mês de outubro no município. Foram trazidos 291 animais selecionados, sendo 32 machos e 259 fêmeas com idade entre oito meses e quatro anos, alguns em plena atividade reprodutiva. Esses números demonstram um importante avanço na pecuária cerritense, que até recentemente não detinha animais tão nobres para a reprodução.

Os lotes mais valorizados na feira de gado são principalmente bezerros e bezerras até um ano de idade. Devido a esse fato, muitos produtores que faziam somente a engorda ou se dedicavam ao ciclo completo, cuidando o animal do nascimento ao abate, agora estão se voltando exclusivamente para a atividade de cria. Ou seja, se dedicando a produzir bezerros e bezerras para serem posteriormente recriados em fazendas especializadas da região. Muitos criadores estão adquirindo novas matrizes e investindo na qualidade genética dos reprodutores, para buscar animais com padrão de pelagem e conformação corporal.

Na fase de cria o risco de ocorrer perdas é maior, comparado-se com as fases de recria e engorda. Nessa fase deve-se tomar todos os cuidados para que as vacas quando cheguem no parto encontrem-se em bom estado nutricional evitando problemas de parto e a perda do filhote. As chances de ocorrer infecções durante o parto, e a fragilidade do recém nascido, podem levar a prejuízos. Para desenvolver bons resultados na fase de cria é necessário adotar um conjunto de práticas de manejo, e seguir rigorosamente o calendário sanitário do rebanho. Aplicar as vacinas no momento certo, e fazer a cura logo após o parto para evitar infecções. Estar atento na hora de estabelecer a estação de monta, para que os nascimentos ocorram num momento com bastante oferta de alimento e baixa incidência de endo e ectoparasitos. Dispor de piquetes maternidades próximo ao centro de manejo para que as vacas possam estar mais calmas e tranquilas no momento de parir, qualquer eventualidade o produtor pode acompanhar e socorrer aquelas que tiverem dificuldades. Muitos produtores deixam as vacas no período de gestação final em internadas distantes da sede. No momento de parir as vacas não são assistidas, e muitas acabam perdendo suas crias por falta de atendimento. Os predadores naturais também são um problema sério nesta fase, pois raposas e urubus costumam atacar as vacas no momento do parto, e sem nenhuma proteção, os recém nascidos acabam sendo devorados.

Em São José do Cerrito, as características ambientais de clima e topografia são favoráveis para desenvolver a fase de cria. Se depender das expectativas dos pecuaristas o município pode, em curto prazo, se tornar uma referência estadual na produção de bezerros.

Recentemente a associação adquiriu um terreno com 25.000m² onde será construída a sede oficial da Associação. A idéia é preparar o terreno para construir toda a estrutura moderna para realização das feiras, exposições de animais e realização de grandes eventos festivos no município. Construir mangueiras e corredores com maior resistência e espaços amplos para abrigar os animais durante maior período de tempo.

Este estágio permitiu o enfrentamento direto com situações reais em propriedades que exploram a pecuária de corte. Propiciou um grande aprendizado no contexto profissional através das entrevistas diretas com os produtores e com os membros da diretoria da associação. Através desta experiência foi observada a importância que uma associação representa na organização da atividade pecuária e no crescimento e no fortalecimento do município.

ANEXOS

7. Bibliografia

- AURAS, M., 1995. **Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla**. Florianópolis, Ed. Ufsc, 2ª ed., 177 p.
- CAMPOS, O. F.; LIZIEIRE, R. S. **Gado de leite, o produtor pergunta, a EMBRAPA responde**. Centro Nacional de Pesquisa Gado de Leite, 1993 Brasília.p.213.
- CORRÊA SIMÕES, A. N. **Gado de corte O produtor pergunta, a EMBRAPA responde**. Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte, 1996. Campo Grande.p.208.
- ENCARNAÇÃO, R. O.; **Estresse e produção animal**. EMBRAPA, 1997 Campo Grande.p.32.
- EUCLIDES FILHO, K. **Produção de bovinos de corte e o trinômio genótipo-ambiente-mercado**. EMBRAPA, 2000. Campo Grande.p.66.
- KLEIN, R. M.; **Observações e considerações sobre a vegetação de parte do planalto catarinense**: In Congresso da Sociedade Botânica do Brasil, 14, 1963, Manaus. Anais...p. 287-303.
- NEVES, M. F.; SCARE, R. F.; BOMBIG, R. T.; CASTRO, L.T.; **Choque de marketing na pecuária de corte brasileira**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE RAÇAS ZEBUÍNAS, 5, 20-23 out., 2002, Uberaba. Anais...Uberaba ABCZ, 2002. p. 221-237.
- PAIM COSTA, F. **Pecuária de corte no Brasil central: o produtor, os recursos produtivos e o manejo das pastagens**. EMBRAPA, 2000. Campo Grande.p.34.
- PATINO, H. O.; MEDEIROS, F. S.; MALLMANN, G.M.; **Desafios da suplementação frente às demandas dos sistemas de produção de bovinos de corte**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE RAÇAS ZEBUÍNAS, 5, 20-23 out., 2002, Uberaba. Anais...Uberaba ABCZ, 2002. p. 151-169.
- PEIXOTO, A. M.; MOURA, J. C.; FARIA, V. P.; CORSI, M. **Curso de alimentação de bovinos**. FEALQ, 1992 Piracicaba.p.513.
- PRIMAVESI, A. **Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais**. Ed. nobel, 2002 São Paulo.p.549.
- RITTER, W.; SORRENSON, W. J.; **Produção de bovinos no planalto de Santa Catarina – Brasil: situação atual e perspectivas**. 1985. p. 172.
- SCHMIDT, G. H; VAN VLECK, L. D.; **Bases científicas de la produccion lechera**. 1975. Ed. Acriba, Zaragoza, Espanha. p. 583.

STAINER, R. M.S.; **Aperfeiçoando a qualidade da carne bovina mediante práticas de gerência de qualidade no processo de produção.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE RAÇAS ZEBUÍNAS, 5, 20-23 out., 2002, Uberaba. Anais...Uberaba ABCZ, 2002. p. 175-186.

VIDOR, M. A. ; DALL'ANGOL, M.; DE QUADROS, F. L. F.; **Principais forrageiras para o planalto de Santa Catarina. Boletim técnico N° 86 EPAGRI, 1997. p. 51.**

Sites consultados:

www.ibge.gov.br

www.icepa.com.br

www.agricultura.gov.br

ROTEIRO ENTREVISTA PRODUTOR

a) Caracterização família e propriedade

Nome produtor: _____ Localidade: _____

Município: _____ Data: _____

Distância sede município _____

Distância da indústria leite _____

Obs: Fazer croqui para chegar na propriedade

1. Dados da família

Nome: _____	Idade _____	Escol. _____	Part.ativ. _____
Esposa _____	Idade _____	Escol. _____	Part.ativ. _____
Filho (a) _____	Idade _____	Escol. _____	Part.ativ. _____
Filho (a) _____	Idade _____	Escol. _____	Part.ativ. _____
Filho (a) _____	Idade _____	Escol. _____	Part.ativ. _____
Filho (a) _____	Idade _____	Escol. _____	Part.ativ. _____

2. Casa: Alvenaria () Mista () Madeira () Área _____ m² Anos _____
Instalação sanitária: Completa () Incompleta () Não () Anos _____

3. Utilidades domésticas que possui:

Itens	Ano que comprou?	Forma que comprou?
Geladeira ()		
Freezer ()		
Forno Elétrico ()		
Rádio ()		
TV Pb () cor ()		
Ap. som ()		
Vídeo cassete ()		
Maq. lavar roupa ()		
Ventilador ()		
Antena parabólica ()		
Carro ()		
Moto ()		
Outros		

4. Possui a terra por: Herança () Compra () Outras _____

5. A opção pela agricultura foi: Própria () Por influência da família () Outras _____

6. Gosta de ser agricultor? _____ Porquê?

7. A esposa e os filhos gostam? Sim () Não () Por quê?

8. Quais foram as últimas melhorias ou investimentos feitos na propriedade?

Tem previsão de novos investimentos? _____

9. Acha que na sua propriedade já tem tudo o que queria? Sim () Não () O que está faltando? _____

10. É sócio de cooperativa? Sim () Não (). Há quanto tempo? _____

Qual(is) a(s) cooperativa(s)? _____

Por quê? _____

Participa das assembleias? Sim () Não (). Por quê? _____

Que contribuições a(s) cooperativa(s) trouxe(ram) para o sistema agrícola que desenvolve? _____

Foi influenciado por alguém para se associar? _____

11. É sócio de sindicato? Sim () Não (). Há quanto tempo? _____

Qual(is) o(s) sindicato(s)? _____

Por quê? _____

Participa das assembleias? Sim () Não (). Por quê? _____

Que contribuições o(s) sindicato(s) trouxe(ram) para a agricultura? _____

Foi influenciado por alguém para se associar? _____

12. É sócio de outras entidades associativas? Sim () Não (). Há quanto tempo? _____

Qual(is)? _____

Por quê? _____

Participou e/ou participa de diretoria? Sim () Não (). Por quê? _____

Que contribuições esta(s) entidade(s) trouxe(ram) para a agricultura? _____

Foi influenciado por alguém para se associar? _____

13. Dados da propriedade

Itens	Área (ha)	Aumentou ou diminuiu a área? Quando fez?	Por quê aumentou ou diminuiu?
Propriedade (total)			
Mato			
Capoeira			
Reflorestada			
Agricultura (total)			
Mecanizada			
Past. perene inverno			
Past. perene verão			
Past. anual inverno			
Past. anual verão			
P. campo nativo/nat.			
Potreiro melhorado			
Capineira			
Cultura silagem			
Pastagem (total)			

Obs: As áreas de pastagens são divididas? _____

Qual é o Nº de poteiros? _____ Que tipo de cerca utiliza? _____

Os poteiros tem água? _____

14. Do total da receita bruta quanto, em percentagem corresponde a cada atividade

Atividades	%	Aumentou ou diminuiu a atividade? Quando fez?	Por quê aumentou ou diminuiu?
Leite ()			
Aves ()			
Suínos ()			
Produção grãos (milho, feijão, soja, trigo....)			
Horta, frutas, queijo...			
Atividades não agrícolas			
Outras atividades			

Obs: Atividades não agrícolas como prestação de serviços de máquinas, venda de mão-de-obra, trabalho temporário na cidade, serviço de pedreiro, enfim, de qualquer fonte que não seja da agricultura e da pecuária.

15. Máquinas e equipamentos que possui:

Itens	Ano que comprou?	Forma que comprou?

16. Dados do rebanho

Itens	Nº cab.	Aumentou ou diminuiu a criação? Quando fez?	Por quê aumentou ou diminuiu?
Animais rebanho (total)			
Vacas (total)			
Vacas lactação			
Vacas secas			
Terneiras até 1 ano			
Novilhas 1 a 2 anos			
Novilhas + 2 anos			
Terneiros até 1 ano			
Novilhos 1 a 2 anos			
Novilhos + 2 anos			
Touro			
Bois serviço			
Outros animais			

17. Os animais são criados em sistema confinado? Sim () Não (). Há quanto anos utiliza este sistema? _____ e por quê? _____

Sistema semi-confinado? Sim () Não (). Há quanto anos utiliza este sistema? _____ e por quê? _____

Sistema à base de pasto? Sim () Não (). Há quanto anos utiliza este sistema? _____ e por quê? _____

Que sistema usava antes? _____. Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

18. Como é feita a criação das terneiras? _____
(fornecimento colostro, período aleitamento, ração, pasto, potreiro só para as terneiras,...)

Há quanto anos utiliza este sistema? _____ e por quê? _____

Que sistema usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Já ouviu falar em criação de terneira através de vacas-ama? _____

Quando? _____ Por quem? _____ Onde? _____

O que achou do sistema?

Porquê não adotou?

Quais são os primeiros cuidados com as terneiras recém-nascidas?

Utiliza vacinas Qual(ais)?

Há quanto anos utiliza estes cuidados? _____ e por quê? _____

Que cuidados usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Qual é o destino dos terneiros _____

19. Reprodução rebanho

Usa touro(s) para cobrir? Sim () Não (). Que raça (s)? _____
 Há quanto anos utiliza touro? _____ e por quê? _____

Usa inseminação artificial? Sim () Não () Quem faz? _____
 Que raça(s)? _____
 Há quanto anos utiliza este sistema? _____ e por quê? _____

Que sistema usava antes? _____ Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Qual é o critério para escolha do sêmen ou touro? _____

Raça predominante do plantel? _____

b) Alimentação

1. Os animais recebem forragem no cocho? _____ Que forrageira(s) utiliza? _____

Em que período do ano? _____
 Fornece em média quantos kg/animal/dia _____
 Há quanto anos utiliza este sistema? _____ e por quê? _____

Que sistema usava antes? _____ Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

2. Os animais são colocados na pastagem? _____ Em que período do ano? _____

Quanto tempo os animais ficam na pastagem? _____
 Há quanto anos utiliza este sistema? _____ e por quê? _____

Que sistema usava antes? _____ Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

3. Utiliza silagem _____ fornece em média quantos kg/animal/dia _____
 e por quanto tempo utiliza a silagem _____ Custo / ton. R\$ _____

Há quanto anos utiliza silagem? _____ e por quê? _____

Que sistema usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

4. Na sua opinião a silagem é um alimento melhor que o azevém? _____

Por quê? _____

5. Utiliza feno _____ fornece em média quantos kg/animal/dia _____ e por quanto tempo utiliza o feno _____. Custo / ton. R\$ _____ Há quanto tempo utiliza feno? _____

6. Utiliza rolão de milho _____ Quantidade milho em espiga destinada aos animais média _____ sacos / ano. Fornece em média quantos kg/animal/dia _____ e por quanto tempo utiliza _____ custo / kg R\$ _____

Utiliza Farelo trigo _____ fornece em média quantos kg/animal/dia _____ e por quanto tempo utiliza _____ custo / kg R\$ _____

Utiliza Farelo soja _____ fornece em média quantos kg/animal/dia _____ e por quanto tempo utiliza _____ custo / kg R\$ _____

Qual é o critério de uso destes alimentos? (fornece mais alimento para os animais que estão produzindo mais leite) _____

Há quanto tempo utiliza estes alimentos ? _____ e por quê? _____

O que usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Utiliza ração balanceada _____ a ração é feita na propriedade e/ou é comprada? _____ Qual a composição? _____ fornece em média quantos kg/animal/dia _____ e por quanto tempo utiliza a mesma ração _____ custo / kg R\$ _____. Qual é o critério de uso? (fornece mais ração para os animais que estão produzindo mais leite) _____

Se muda a ração qual a nova composição _____ fornece em média quantos kg/animal/dia _____ e por quanto tempo utiliza a nova composição _____ custo / kg R\$ _____

Há quanto tempo utiliza ração ? _____ e por quê? _____

O que usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

7. Utiliza sal mineral _____ que tipo sal mineral _____ fornece em média quantos kg /mês _____ e por quanto tempo utiliza _____ Preço / kg R\$ _____

Há quanto anos utiliza sal mineral? _____ e por quê? _____

O que usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

8. Manejo da pastagem:

Utiliza pastoreio rotativo _____. Há quanto anos? _____

Que sistema usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

	Verão	Inverno
Em quantos poteiros as áreas são divididas		
Nº de dias que os animais permanecem em cada poteiro		
Quanto tempo leva para animais voltarem mesmo poteiro		

Os animais são divididos por categorias (ou ficam todos juntos na mesma área de pastoreio) _____

Cada poteiro possui água e/ou sombra _____

Após cada ordenha os animais voltam para o poteiro que estavam ou são colocados em outra área? _____

A noite os animais ficam estabulados? _____. Há quanto anos utiliza este sistema?

Obs: _____

Que sistema usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Já ouviu falar em Pastoreio Racional Viosin? _____ Quando? _____

Por quem? _____ Onde? _____

Manejo capineira:

Ponto de corte _____ Altura do corte _____

Há quanto tempo utiliza este manejo? _____ e por quê? _____

Que manejo usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Tipo de adubos utilizados e época de aplicação _____

Pastagens:

Altura do pasto quando os animais entram na pastagem _____ e altura do pasto quando os animais são retirados _____

Há quanto anos utiliza este manejo? _____ e por quê? _____

Que manejo usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Tipo de adubos utilizados e época aplicação _____

Utiliza fosfato natural? _____ qual(ais)? _____ valor R\$ _____

Há quanto anos utiliza este manejo? _____ e por quê? _____

Que manejo usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

c) Econômicos e produtividade

1. Produção média _____ (litros/mês), quais são os meses de maior produção _____ e qual a produção média _____ (litros/mês). Quais são os meses de menor produção _____ e qual produção média _____ (litros/mês).
Há quanto tempo produz esta quantidade? _____. Quantidade produzia antes? ____
2. Quantidade leite fornecida para os(as) terneiros(as) média _____ (litros/dia)
3. Quantidade de leite utilizado pela família (consumo in natura e produção de queijo...) média _____ (litros / mês).
4. Quantidade média leite vendida _____ (litros / mês)
Para quem vende _____
5. Quando o transportador passa para coletar o leite _____
6. O leite é transportado em taro ou a granel _____
7. Preço médio recebido R\$ / litros _____. Custo transporte R\$ / litros _____
Outros descontos efetuados _____
8. Quantidade de leite ácido _____ (litros / mês)
Há quanto tempo dá esta quantidade? _____. Quantidade que dava antes? _____
Preço médio leite ácido R\$ / litros _____
9. Tem formação de cotas _____ que meses são formadas as cotas _____
Há quanto tempo este sistema é utilizado? _____
10. Vende leite extra-cota _____ quantidade média vendida _____ (litros / mês)
Há quanto tempo vende? _____
Preço médio leite extra-cota R\$ / litros _____
11. Faz venda direta de leite ou outros produtos como: queijo, manteiga, nata, doce de leite, iogurte...) _____ Quantidade média vendida _____ (kg / mês)
Para quem vende _____
Preço médio produtos R\$ / kg _____
Há quanto tempo vende esta quantidade? _____. Que quantidade vendia antes? _____. Por quê aumentou ou diminuiu _____

d) Ambiental

1. Sistema implantação forrageiras (convencional, direto, sobressemeadura...)

Espécies forrageiras	Área (ha)	Sistema implantação pastagem	Uso fertilizantes (kg/ha)		Uso agrotóxicos (área)
			Base	Manutenção	

Obs: Quantidade de adubo utilizado na área total de cada forrageira?

Há quanto tempo utiliza plantio direto para implantar a(s) forrageira(s)? _____

Há quanto tempo utiliza sobressemeadura? _____

Que sistema usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Há quanto tempo usa esta adubação? _____

Que adubos usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

2. Observar se tem erosão nas áreas de pastagens _____

Observar existência de mata ciliar _____

Observar a proteção das vertentes d'águas _____

3. Usa agrotóxicos (herbicidas, inseticidas, fungicidas)? Sim () Não () Obs: _____

Há quanto tempo? _____ Por quê? _____

O que usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

4. Os agrotóxicos causam problemas? Sim () Não (). Que tipo de problemas _____

5. Tem esterqueira? sim () Não (). Há quanto tempo? _____

Por quê? _____

Como é feito o manejo e distribuição dos dejetos? _____

Que sistema usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

6. Faz rotação de culturas nas áreas de pastagens anuais? _____

Há quanto tempo? _____ Por quê? _____

Qual é o sistema de rotação usado? _____

Que sistema usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

7. Nas áreas de silagem faz rotação de culturas? _____. Quais as culturas econômicas e de cobertura de solo que utiliza? _____

Há quanto tempo? _____ Que sistema usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Como faz a reposição de nutrientes nas áreas de silagem? _____

e) Percepção do produtor sobre a atividade leiteira

1. Há quanto tempo está na atividade leiteira? _____. Quando começou tinha quantas vacas? _____. Atualmente possui quantas vacas? _____. Faz quanto anos que tem este número de vacas? _____

2. Pretende continuar na atividade? Sim () Não () Por quê? _____

3. Pretende ampliar a atividade? Sim () Não () Quanta vacas pretende ter _____

4. Recebe orientação técnica? _____ De quem? _____

Há quanto tempo? _____ Com que frequência? _____

Que contribuição(ões) a orientação técnica trouxe(ram) para as atividades que desenvolve? _____

e para a atividade leiteira? _____

5. Como vê o futuro da atividade leiteira? _____

6. Está satisfeito com a atividade? _____

7. Gostaria que seus filhos ficassem na agricultura? Sim () Não () Por quê? _____

8. Na sua opinião os seus filhos irão permanecer na agricultura? _____ e eles continuariam com a atividade leiteira? _____

9. O Sr. acha que seus filhos retornariam para a agricultura para desenvolver a atividade leiteira? _____

10. O Sr. já pensou vender leite junto com os vizinhos para aumentar a quantidade e receber melhor preço? _____

11. O Sr. já ouviu falar em condomínio? _____ Para o Sr. o que é um condomínio? _____

12. O Sr. se associaria a um condomínio? _____

13. Participaria de grupo para construir um laticínio de pequeno porte? Sim () Não () Por quê? _____

f) Outros aspectos

1. Sanidade

Vacina	Há quanto tempo	Custo R\$ / cab. / ano
Aftosa		
Carbúnculo		
Mamite		
CARBÚNCULO SINTOMÁTICO		

Obs: Teste brucelose _____ Há quanto tempo _____ Custo R\$ / cab. / ano

GANGRENA GÁSTRICA

Controle mamite custo R\$ / cab. / mês _____

Uso de antibióticos + diarréticos custo R\$ / cab. / mês _____

Controle de vermes de quanto em quanto tempo _____

Há quanto tempo utiliza este sistema? _____ Quais os principais produtos utilizados? _____

e prazo de carência? _____ e custo / animal / mês R\$ _____

Que sistema usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Controle de carrapato, berne, bicheira, mosca do chifre de quanto em quanto tempo

Há quanto tempo utiliza este sistema? _____ Quais os principais produtos utilizados? _____

e prazo de carência? _____ e custo / animal / mês R\$ _____

Que sistema usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Gasto total com medicamento / animal / mês R\$ _____

2. Ordenha

Tem sala de ordenha _____ Há quanto anos? _____ Que tipo de sala _____ para quantos animais _____

Que sistema usava antes? _____

Por quê mudou? _____

Foi influenciado por alguém para mudar? _____

Outra instalação descreva o tipo _____

Tem torneira de água no local da ordenha _____

Lava o úbere antes da ordenha _____

Usa touro próprio ou compra? Onde compra?

A cada quanto tempo troca o touro?

Quanto paga (R\$)?

Com que idade o touro é usado na primeira cobertura?

Um touro serve quantas vacas?

Usa estação de monta?

Qual é a idade e qual o peso das novilhas na primeira cobertura?

Qual o nº de vacas entouradas por ano?

Qual o nº de bezerros nascidos por ano?

Qual a mortalidade dos bezerros?

Quais as principais causas de morte dos bezerros?

Tem muito problema de bicheira no umbigo dos bezerros?

Fornece suplementação para os bezerros?

Que tipo de suplemento? Em que época?

Qual é a idade e o peso dos bezerros no desmame?

Usa algum sistema de desmame antecipado?

Que tipo de animal é vendido?

Qual a idade e qual o peso?

Onde vende os animais?

Como os animais são transportados?

Acontece acidente com os animais no transporte? Que tipo?

Qual o preço recebido (R\$)?

Quantos animais são vendidos por ano?

Usa algum sistema de escrituração zootécnica? Por que?

Como o Sr. faz o controle da idade da 1ª cria das novilhas, nº de partos /vaca e o nº de bezerros/vaca?

Qual o intervalo entre partos das vacas?

O Sr. Dispõe de balança na propriedade? Como faz a pesagem dos animais?

Usa algum sistema de escrituração contábil?

Como realiza o controle dos gastos e receitas?

Qual fonte de água é usada para o consumo dos animais?

É protegida? De que forma?

Qual o nº e a localização dos cochos de sal? É protegido da chuva?



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

TERMO DE COMPROMISSO

(A EMPRESA) **ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE SÃO JOSÉ DO CERRITO**, representada por **MEDICO VETERINÁRIO EDSON CORREA MUNIZ, TESOUREIRO (1)** e o(a) **ESTAGIÁRIO(A) GIVANILDO ROQUE FURLANETTO (2)**, matriculado(a) sob nº **9818633-7** no Curso de **AGRONOMIA** da Universidade Federal de Santa Catarina, representada por **PROF. DARCI ODILIO PAUL TREBIEN (3)** na qualidade de **Coordenador de Estágios do Centro de Ciências Agrárias**, acertam o seguinte, na forma da Lei nº 6.494, de 07/12/77, regulamentada pelo Decreto nº 87.497, de 18/08/82.

Art. 1º - O(A) **ALUNO(A)** desenvolverá Estágio: **CURRICULAR**

Art. 2º - O(A) **ESTAGIÁRIO(A)** desenvolverá atividades dentro de sua linha de formação.

Art. 3º - A **EMPRESA** elaborará Programa de Atividades a ser cumprido pelo(a) **ESTAGIÁRIO(A)**, em conformidade com as disciplinas cursadas pelo(a) mesmo(a), respeitados os horários de obrigações do(a) **ESTAGIÁRIO(A)** com a **UFSC**.

Art. 4º - O Estágio será desenvolvido no/na (Setor/Área): **ZOOTECNIA – CARACTERIZAÇÃO DA PECUÁRIA**, no período de **10/08 a 22/09/2002**.

§1º - Este período poderá ser prorrogado mediante prévio entendimento entre as partes.

§2º - Tanto a **EMPRESA** como o(a) **ESTAGIÁRIO(A)** poderão a qualquer momento dar por terminado o Estágio, mediante comunicação escrita.

Art. 5º - Pelas reais e recíprocas vantagens técnicas e administrativas, a **EMPRESA** designará como Supervisores os(a) **SRS. MEDICOS VETERINÁRIOS EDSON CORREA MUNIZ E AFONSO MARIA TIGRE** e no âmbito do **DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA E DESENVOLVIMENTO RURAL/CCA/UFSC** o **PROF. MÁRIO LUIZ VINCENZI** aos quais caberá a avaliação do(a) **ESTAGIÁRIO(A)**.

Art. 6º - O(A) **ESTAGIÁRIO(A)** declara concordar com as normas internas da **EMPRESA**, conduzir-se dentro da ética profissional e submeter-se a acompanhamento e avaliação de seu desempenho e aproveitamento.

Art. 7º - O(A) **ESTAGIÁRIO(A)** se obriga a cumprir fielmente a programação de estágio, comunicando em tempo hábil a impossibilidade de fazê-la.

Art. 8º - O(A) **ESTAGIÁRIO(A)** responderá pelas perdas e danos conseqüentes da inobservância das normas internas ou das constantes do presente termo.

Art. 9º - O(A) **ESTAGIÁRIO(A)** se compromete a elaborar Relatório sobre o estágio realizado apresentando-o à **EMPRESA** através de seu Supervisor, e à Universidade através do Coordenador de Estágio respectivo.

Art. 10º - A **EMPRESA** se responsabilizará por despesas relativas a atividades extras impostas ao(à) **ESTAGIÁRIO(A)**.

Art. 11º - O(A) **ESTAGIÁRIO(A)** não terá para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a **EMPRESA**, ficando aquele segurado contra acidentes pessoais ocorridos durante o estágio pela apólice Nº 1672. da Companhia **BRADESCO VIDA E PREVIDÊNCIA**.

Art. 12º - O(A) **ESTAGIÁRIO(A)** receberá uma bolsa no valor de

Art. 13º - Fica firmado o presente em 3 (três) vias de igual teor.

Florianópolis, 13 de junho de 2002.

(1)EMPRESA: *Associação de Produtores de São José do Cerrito / Afonso M. Pereira Tigre Vice-Pres.*

(2)ESTAGIÁRIO(A): *Givanildo Roque Furlanetto*

(3) COORDENADOR DE ESTÁGIO: *Darci Odilio Paul Trebien*


Darci Odilio Paul Trebien
Coordenador de Estágio do Centro
de Ciências Agrárias/UFSC
Port 018/CCA/2001

Senhor Contribuinte,

Confira os dados de Identificação da Pessoa Jurídica e, se houver qualquer divergência, providencie junto à SRF a sua atualização cadastral.

SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL

00007265

			
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL			
CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA - CNPJ			
NÚMERO DE INSCRIÇÃO 02.526.088/0001-05	CARTÃO DE IDENTIFICAÇÃO DA PESSOA JURÍDICA	DATA DE ABERTURA 07/05/1998	VALIDADE DO CARTÃO 31/10/2004
NOME EMPRESARIAL ASSOCIACAO DE PRODUTORES RURAIS DESAO JOSE DO CERRITO			
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA)			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL 91.99-5-00 - Outras atividades associativas, ne			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 302-6 - ASSOCIACAO			
LOGRADOURO R. ANACLETO DA SILVA ORTIZ	NÚMERO 91	COMPLEMENTO	
CEP 88570-000	BAIRRO/DISTRITO CENTRO	MUNICÍPIO SAO JOSE DO CERRITO	UF SC
CAIXA POSTAL/FAX/CORREIO ELETRÔNICO/TELEFONE			
CPF DO RESPONSÁVEL 560.824.369-20	SITUAÇÃO ESPECIAL		

APROVADO PELA IN/SRF NO. 2/2001

VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO NACIONAL